

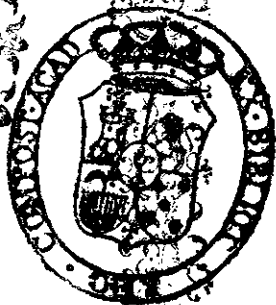
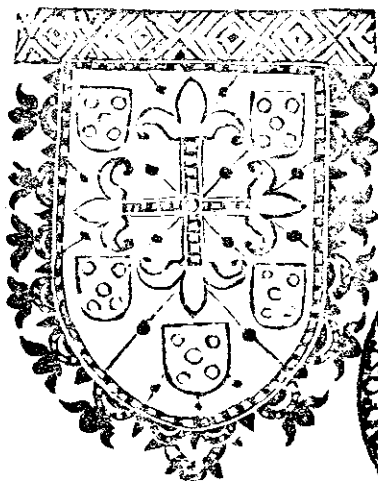
LA IFFANTA
CORONADA.

POR EL REY DON

PEDRO, DOÑA INES
DE CASTRO.

EN OCTAVA RIMA, POR DON IVAN

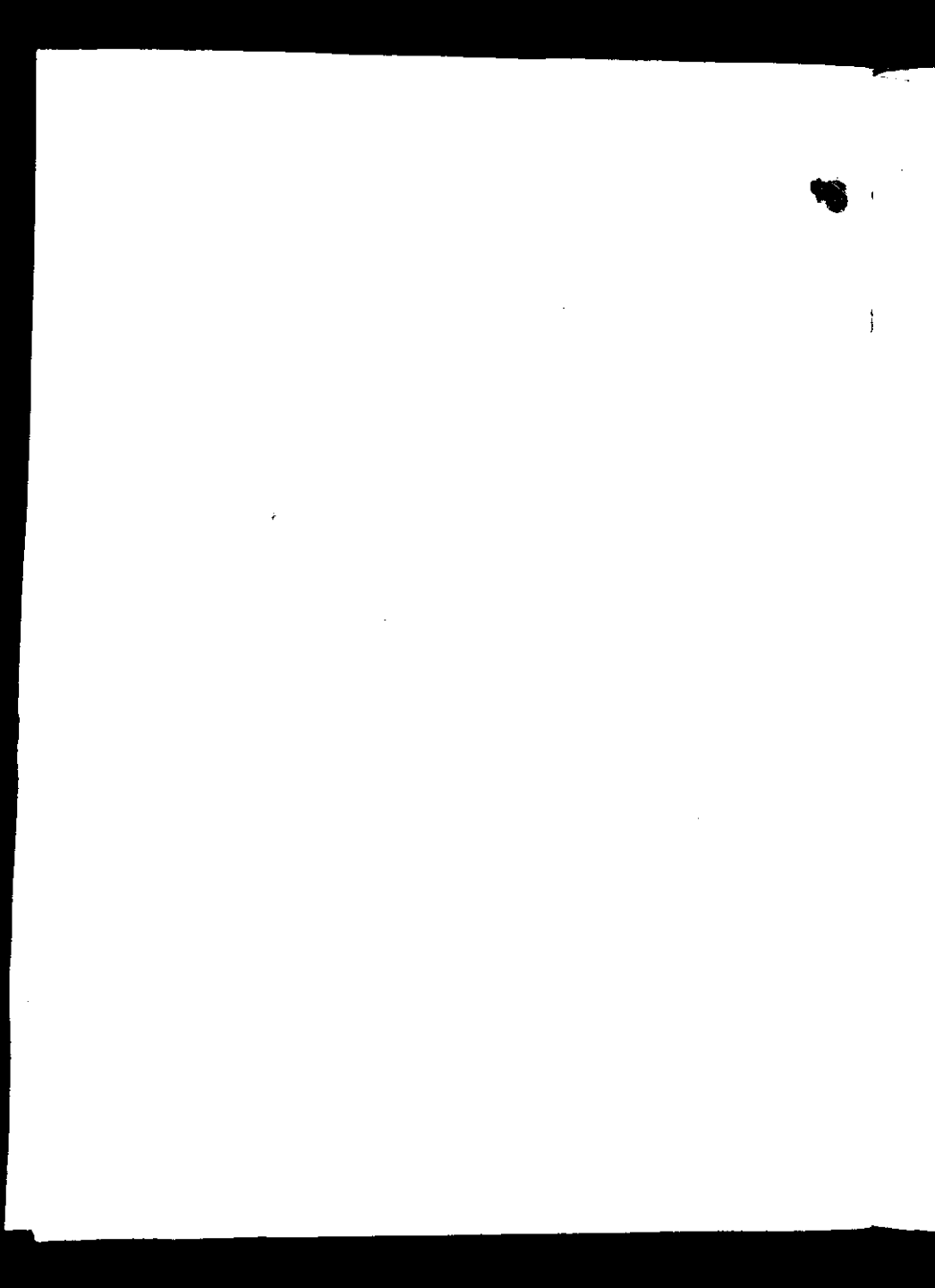
Sotres de Alarcõ Alcalde Mayor de Torres Vedras,
y Maestro sala de su Magesta'.



Con licencia de la Santa Inquisicion.

En Lisboa, Por Pedro Crasbeeck. 1606.

Vendense en la Rua noua en casa de Domingos Fernãdez.



L I C E N C A S.

VI o liuro de Dom Ioão Soares, que se intitula La Iffanta coronada, &c. He obra que inda que breue, contem em si, alem da materia que promete, muitas curiosidades de historias humanas, & em particular destes Reynos de Portugal muito pera se não esquecerem. Vay tratada com delicado artificio, & limada poesia. E em fim me parece muy digna de sahir a luz, como liuro que em nada offende a Deos, nem ao proximo: antes a todos pode seruir de honesto entretenimento, & de exemplo aos fidalgos pera semelhantes occupações. Em o conuento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 16. de Feuereiro de 606.

Fr. Antonio Freire.

VIsta a informação pode se imprimir esta Historia de Dona Ines de Castro, & depois de Impressa torne a este Conselho pera se conferir, & dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Em Lisboa 16. de Feuereiro de 606.

Marcos Teixeira. Ray Pirez da Veiga.

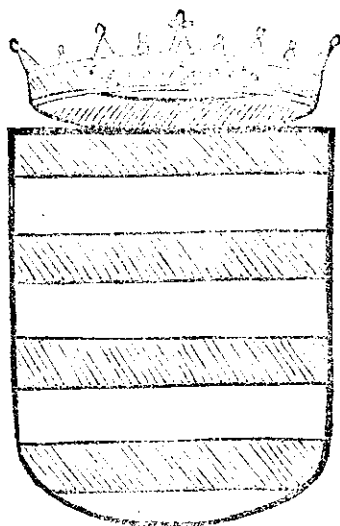
Vista a licença acima podesse imprimira 6.
de Março de 1606.

Saraino.

POdesse imprimir, vista a licença que tem do
Santo Officio, & ser vista na Mesa. Em Lis-
boa a 10. de Junho de 1606.

Damião d'Aguiar.

Costa.



5.

A DOM FRANCISCO
MASCARENHAS CONDE DE
SANTA CRUZ, SENHOR DAS
Ilhas das Flores, Pico, & Santo An-
tão, Capitão dos Ginetes del
Rey nosso senhor em Portu-
gal, & do seu conselho.



FIZ estes versos da historia de Dona Ines de Castro (cuja fama assi em belleza como desventura encheo o mundo) com tenção de os dedicar a mi nha curiosidade, que cada um e o me- lhor depositario de seus pensamentos &

segredos. Depois, o desejo natural de communicar nõ as
obras, me fez dar parte desta a algũs amigos, a que posso
dar este nome, & de cujos juizos podia fiar a censura del
la, & em fim me persuadiram a que a publicasse. Passa-
do este inconveniente, succedeo logo outro de a quem a di-
rigiria. E o pensamento que muitas vezes discorrendo al
cança os mais remotos chymas, passou pello mais propin-
co & mais digno sogeito. Porque V. S. alem da consangui-
nidade tão conjuncta, com que me he padroeiro de minha
honra: por claridade de descendencia que sua casa tem da
stirpe real desta senhora, por obras proprias, por ter com
tão rara felicidade administrado os primeiros lugares do
Oriente & Occidente, & defendido hũa & outra parte
em os mores perigos, não sómente me affeicou, mas obri-
gou a lhe dar o cuidado de guardar esta em sua protei-
ção. Que tanto valor lhe era necessario pera escapar (se
he possível) dos mordazes desta era, tão promptos a re-
prender, tão lentos a imitar, propriedade may de condi-
ções viciosas. Não achará V. S. aqui materia conforme:
porque ainda me não coube em sorte chegar a ver os es-
quadrões militares, em repartidas alas distribuidos, pera
com valor & arte preuaiecer nos trances contra os sube-
riores por numero, nem acharme na eleição dos aloja-
mentos, & escolhidos conselhos, em que ordinariamente
consiste o menos que a vitoria das batalhas, dou o que
he

he proprio desta idade. E ja o que antre os poëtas Gregos alcançou o principado, & que merecêo ser imitado do que entre os Latinos o teve, se enfoyau pera a sua Iliada, & V-lissea nos versos que compos das enemizadas de certos ani mais vis & baixos (ditofo quem alcanfar igual successo, mas destes raros.) Pretendo aqui sômente da aceitaçãõ desta obra, que se veja nella quãõ desemelhante he doutras a que me quizeram dar por autor. Isto pode obrar V.S. lendoa, autorizandoa, & habilitandoa antre as mais suas. Que os escritos vencem em tempo os marmores & metais, em que muitas pessoas se perpetuaram. Nosso Senhor guarde felicemente a vossa Senhoria.

Ao Leitor se aduirte que achando na obra algũs erros, veja as emendas no fim della, onde com a diligencia possiuel se reformaram.

DE HVA ILLVSTRE SE-
nhora en louuor do Autor.

S O N E T O.

Leuantasse a bolar con nueuo buelo;
Vn excelente cyfne soberano,
Que de la tierra, y del amor profano
A lo alto sube del Empyreo cielo:

No parece su pluma a cà del suelo,
Ni que el mundo vil mueue su mano,
Pues tratando d'amor torpe y tyranno
Nos muestra que produze espina y duelo:

Soares canta bien la paga cierta
Del amor, que por ciego yerra el camino,
Que tarde o presto llega a despenarse:

Sola es dichosa el alma que lo acierta
Amando lo durable, y lo diuino,
Porque este llega siempre a prouearse.

O V T R O D A M E S M A
Señora.



Estremo fue d'Ines la hermosa,
Estremo el amor del claro Iffante
Estremo la crueldad del penetrante
Cuchillo, que rompio la nieue pura:

Estremo la excessiua desventura,
Estremo quanto el bado lleuò auante,
Estremo quanto hizo el real amante
Estremo quanto dize tu escriptura.

Se subes, ô Soares, a la cumbre
La historia d'Ines, y su ceniza,
Con tu estilo raro y excelente,

Allà subes tambien porque es costumbre,
Que quando a alguno el verso le eterniza,
Se eternize el poeta entre la gente.

DE HVM RELIGIOSO GRAVE
& letrado ao Autor.

S O N E T O.

LA corona mas alta y deseada,
El mas supremo asiento y generoso,
La muerte los consume en fin lloroso,
Que mal pueden durar pues son de nada:

La potencia d'vn Rey mas lleuantada,
Don Pedro (digo) illustre y belicoso,
Corona pu lo dar, no poderoso
Del oluido librar su Castro amada:

Mas alto os ha subido el claro Apolo,
Soberano Soares con victoria
De mas poder que vn Rey conuerso solo,

Dais vida a doña Ines en la memoria
Durable, y da le honor de polo a polo
Bien mas que la corona vuestra historia.

OTRO

OVTRO DO MESMO RELIGIOSO.

S O N E T O.

Qual soberano sol, que en espargiendo
Sus rayos por los valles, y collados,
Desbaze las neblillas, y nublados,
Que la noche sin luz fue componiendo:

Y qual leon terrible que en bramando
Los otros animales espantados
Dex vido las prazedas, y los prados
Al bosque mas espeffo van huyendo.

Soltando ansí Soares los forçosos
Rayos, destos sus verlos sin iguales,
Quedaràn sin nublados los dubdosos.

Bramando este leon con versos tales
Los partos, que le imponen mentirosos
Huyendo iran al proprio de sus males.

DO LECENCEADO MAR-
cos Teixeira.

SONETO.

SE deues bella Castro sem ventura
O que em final d'amor, & fê constante
Te fez depois de morta teu amante,
Que mostrou em quererte sô brandura:

Se lhe deues a insigne sepultura,
E a coroa real pouco importante,
Pois com hirta guardando para o diante
Te fez deixar atras a lorte dura:

Se lhe deues enfim a magoa & pranto
Com que solemnizou teu duro caso,
Digno d'eterna dor, & igual memoria:

Mais deues a Soares, que em seu canto
Subido no mais alto do Parnaço,
Eterniza entre as Musas tua historia.

DE THOME D'ANDRADE

ao Autor.

S O N E T O.

D Espues de tantos siglos sepultada
La bella, y desdichada doña Ines,
Se nos buelue a la memoria otra vez,
Llorada (no) en versos bien cantada:

Merced de Iuan que dexa retratada
Tan al bino su historia, que si es
Alli homicida el yerro Portugues,
De todo queda aqui recuperada:

Juntamente se ve su mala suerte,
Y la buena que tuuo el tal poëta,
Que solo la librò del tiempo, y muertes:

La igualdad del canto tan perfeta
Su verso ileno, que dulçura vierte
Sabe de lo mortal a la alta meta,

DO SARGENTO MOR DON
Diego Rotel, y fuen llana, ao Autor.

S O N E T O.

LAs cenizas reales d'ines bella,
Con tanta gloria tanto las leuantas,
Que al mundo aflombias, y al cielo espãtas
Sublimandote ati, qual tu a ella:

A la memoria traes su dura estrella,
Terrible muerte al fin, desdichas tantas,
Eternizando bien (pues tu la cantas)
Su corona, y d'amor bina centella:

Las proezas de hero'icos Lusitanos,
(Ilustre don Iuan ya sin segundo)
Triunfos en India alcançados dellos:

Eternizas tambien con soberanos
Versos, que pregonando estan al mundo,
Que tienen tales hechos honra en ellos.

DE

DE NVNO DE PINA

Ao Autor.

SONETO.

MArte, que outro mais forte, & mór amante,
Venus, que outra mais firme, & mais fermosa,
Fizerão enuejoso, & enuejosa,
Que não quer nenhum ter seu semelbante:

Commouem contra Ines, contra o Iffante,
Hum Rey, hum Reyno em liga vergonhosa,
Morre sem culpa a Fenix amorosa,
Na fé & amor do seu amor constante:

Cudárão extinguir a fama & flamma,
Mas dura, & durará por toda aparte
Enchendo Reynos ayres terras mares;

Que vence viua & morta hũa tal dama
Rey, Reyno, enueja, Venus, morte, Marte,
E mais tendo por si dom Ioaõ Soares.

CAN

DO MESMO AO AVTOR.

SONETO.

SE a vos a vos que a tuba ento a toa
Em Torres Vedras donde exclama & clama,
(Senhor dom Ioão Soares que a fama ama)
E por louuar vossa pessoa soa.

Se de Lisboa vos pregoa a Goa,
Onde do sol ardente inflama a flama,
Colbendo as flores que derrama a rama,
Ao tom que o mar & o ar atroa, & troa,

Das mesmas flores vos componha, & ponha
Com louro, & era em que verdura dura,
Capellas bellas no cabelo bello.

E qualquer Musa que procura & cura
Louuaruos, cesse, pois bisonha sonha
Como eu me de balde me desuello, & vello.

CAN-

LA IFFANTA CORONADA.

POR EL REY DON PEDRO,
DONA INES DE CASTRO.

CANTO PRIMEIRO.

Em que se cuenta la venida de doña Ines de Castro al reino de Portugal, se describe su rara hermosura en perfecciones corporales, y se trata de sus amores con el Iffante don Pedro, y su prision, con poeticas ficciones de general sentimiento por ella.

I
NO canto los fingidos caualleros
Que la pluma chymerica lleuanta,
No Cæsares Romanos verdaderos
Cuya fama notable al mundo espanta.
No vaïros argonantas brauos fieros
Que la vana antigüedad sublimay canta,
No cursos de los cielos presurozos,
Ni los siete planetas luminozos.

A

De

La infanta coronada.

2.

DE doña Ines de Castro illustre canto
El lamentable caso, y desventura,
La fuerza del amor, que pudo tanto,
Que reina la corona en sepultura.
De sus tiernos amores que en espanto
Llevaron todo el mundo, y la ventura
Que pensando quitar a Ines la suerte,
Doblada se la dio, dandole muerte.

3.

Fue hermosa Ines, fue inhumano
El hierro que en tu pecho dio la herida
Culpable es mucho mas la pluma, y mano
Que buelan a cantar tu muerte, y vida.
Vna llama de amor tierno loçano
En vn pecho real fuerte encendida
No es justo la enfrie el tiempo auro,
Ni se pierda lo que a tantos custo caro.

Salid

4.

Salid vos sacras Musas d'esse choro
Dexad del claro Tajo el agua pura
Venid hazer mi cantico sonoro
Y dar concepto al verso con ternura.
No de brocado ornadas plata y oro,
Pero de luto si con amargura,
Que empieço renouar en la memoria
Del tiempo de Ines la triste historia.

5.

Quando doña Costança Iffanta hermosa
De don Iuan Manoel hija preciada
Por muger (suerte illustre y venturoza)
Del Iffante don Pedro fue nombrada:
De las damas la mas bella y graciosa
La mas querida suya, y regalada,
Que truxo por companera a Portugal
Fue doña Ines de Castro por su mal.

La Iffanta coronada.

6.

Parienta de la iffanta y del iffante,
Por hija de don Pero Hernandez Castro
Em Gallizia señor rico y pujante,
Amado de vassallos sin contrastro.
Era bella mui mas que el sol radiante,
Su pecho blanco mas que el alabastro,
Por su belleza tanta tan preciada
Cuello de garça bello era llamada.

7.

Luzian sus cabellos màs que el oro
Y vencian del sol la luz hermosa
Que aun que en Leo, Geminis, o Toro,
Era la luz de Ines màs poderosa.
De la naturaleza eran tezoro
A do con mano larga y generosa
Repartio tantos bienes naturales,
Pero bienes que presto dieron males.

De

8.

De plata o de crystal era su frente,
A do algun cabello desmandado
De la manada rubia excelente
Hazia arroyo al crystalino prado,
La ceja a lo de riba respondente
Con que quedaua el campo mas ornado,
Y las hermosas fuentes más sombrias
Que tanta agua vertieron tantos dias.

9.

Los ojos eran de color de cielo
A la vista suaue, alegre, y grato,
Que si el cielo era hermoso acà nel suelo
Era porque de Ines era retrato:
Ojos cielo do amor formaua el buelo,
Region d'aquel Dios flechero ingrato,
Cielo de do dos luzes alimbrauan,
Y las del mismo cielo se yclipsauan.

La Iffanta coronada.

10.

Cielos para don Pedro no mudables,
Mas antes claros, fixos, y constantes,
Estrellas para Pedro siempre estables
Si claras, firmes como diamantes:
De influencias beneuolas, y amables,
Soles hermosos siempre radiantes,
Que se el llanto y passion los yclipsaua
La propria causa màs los aclaraua.

11.

La perfeta naris, y boca hermosa
Llena de blancos dientes de marfil
Hazian primavera graciosa
Como de varias flores fuele Abril:
Excedian los labios a la rosa
Que por causa d'aquel moço gentil
Se tiñio de la sangre derramada
D'aquella illustre diosa namorada.

En

12.

En fin que de los pies a la cabeça
No tenia Ines nada imperfeto,
Todo era perfeccion, todo belleza:
Con gracia acompañada de respeto:
Vn extremo formò naturaleza
Haziendo tan hermoso este fugo
Que en su tiempo nel mundo no hauia
Dama de tal belleza, y gallardia.

13.

En la ciudad por do passa el Mondego
Con su clara corriente al mar lleuando
Mejorado tributo con sociego
De las aguas que coje caminando.
La tendida campaña riego a riego
Con gruesas auenidas inundando
Sustenta los vezinos moradores
Con cosecha de pan, frutas, y flores.

La Iffanta coronada.

14.

Alli passaua Ines hermosa dama,
La dulce primauera de sus annos;
Embidioza fortuna de la fama
Ya le trama caida, trata engaños:
Enciende nieue pura, en viua llama,
Mudando el bien tan presto en tãtos daños,
Que solo con la buelta, que le ha dado
Vn reyno y muchos reys puso en cuidado.

15.

El iffante don Pedro conofcido
Por justicero que este era su renombre,
Pero en amar no fue del apellido
Ni mostrò el effecto como el nombre.
Dexada la braueza se ha rendido
Con tierna subjecion, qual suele el hombre
A vista tan hermosa pura y bella
D'aquella illustre y inclita donzella.

No

16.

No rompe con tal fuerza y ligereza
La faeta del arco acustumbrado
Con mas terrible mano, y con destreza
Por solo herir el gamo desmandado:
Quanto heriò la vista, y la belleza
De Ines al Iffante enamorado
Pues solo de los ojos la ternura
Abrio vn coraçon de piedra dura.

17.

Herido ya el mancebo generoso
D'aquellos ojos claros penetrantes
Pierde la libertad, pierde el reposito
Prendas que dan primero los amantes:
Su pensamiento dantes belicoso
Sus onrosos intentos importantes
Todo lo disbarata el niño amor
Por buscar el remedio a su dolor.

La Iffanta coronada.

18.

Ya del pecho cruel soberuio y duro
Salen tiernos sospiros amorosos
Ya busca el lugar mas triste y obscuro
Por obfcondei sus ojos lacrimosos:
Ya no se vè contento, ni seguro
Entre hombres, y los bosques mas hojosos
Demanda, y entre mudas soledades
Quiere passar de amor las tempestades.

19.

Ya buelue a buscar su dulce amada
No pudiendo fuffrir tan larga ausencia
Però vna alma herida y lastimada
Ya mas alla en la pena diferencia.
Antes fuele ser cosa acustumbrada
Aun nueuo lugar nueua pacencia,
Que se es pena d'amor estar ausente
No dexa de penar estar presente.

Quanto

20.

Quanto mas se presenta a ver los ojos
De Ines q̄ al mismo sol vence y embaraça
Mucho mas se acrecientan sus enojos
Y de amor la faeta le traspassa:
Y aunque alli Ines de los despojos
De Pedro ya triumpha, assi no passa
Porque tambien le duele el pecho herido
Que la vencio amor que le ha vencido.

21.

Assi el cassador sabio artiloso
Las dos aues està emparejando
Altiro que las herio nel soto heruoso
La apuntada escopeta disparando.
Cupido en esta fama curioso
De su arco la flecha desplegando
Herio de vn tiro Pedro y Ines la bella
Pedro garçon y garça la donzella.

B 2

Aque-

La Iffanta coronada.

22.

Aquellos mismos ojos que alumbrauan
Los de Pedro amorosos se sentian
Y las vistas que en medio se encontrauan
Al suelo ambas rendidas descendian:
Amenudo se vian y se hablabuan
Y amenudo llorauan si se vian
Y Ines a cada rato desmayada
Se mostraua rendida y aun culpada.

23.

No ama Ines a Pedro porque quiera
Ser reyna como al mundo le parece
Porque entonces aquello amor no fuera
Si el interes y premio le venciesse.
Solo el amor de Pedro en premio espera
(Que solo aquel en ella permanece)
Y por su Pedro mas que por ser Reyna
Se assoma, compone, pulc y peina.

Cref.

24.

Crescian las conformes voluntades
 Como de vn mismo tronco los dos ramos:
 Ya del bosque occulto, y soledades
 Ofrece a su amor Pedro los gamos:
 Ines de las tan bellas variedades
 De los frescos jardines, de que allamos
 Aun el sitio ameno, le ofrecia
 Ramilletes de flores que cogia.



25.

Amor en esta dulce respondencia
 Viuia mui contento, y satisfecho,
 Dichoso amor que sin sentir ausencia
 Ni sufrir vn desden de vn duro pecho.
 Bolais tan alto y presto a la eminencia
 De todo quanto puede darse en echo,
 Aqui mostrais amor, que sois alado
 Que lo que otro impide auéis saltado.

La Iffanta coronada.

26.

Los principios però mas deleitosos
Serenidad nel cielo mal segura
Suelen tener los fines trabajosos
Maior la tempeftad, y desbentura:
Gozad vos bella Ines los amorosos
Regalos del Iffante con cordura,
Que no siempre va clara con fociego
El agua dulce del caudal Mondego.

27.

Desprecia Pedro thalamos notables,
A Ines folamente adora y quiere,
Solos los de Ines fon agradables,
Y folo por Ines ya viue, y muere:
Las memorias d'Ines fon amigables
Ines le dà la vida, Ines le hiere,
Solo mira de Ines los ojos bellos,
Y fon del alma laços fus cabellos.

Naf-

28.

Nascieron deste amor claras señales
Para mas enlazar los dos amantes,
Y prendas tan illustres y cabales
Origen de blasones importantes:
Oy duran las noblezas principales
Que dellas descendieron, y son bastantes
Testigos del amor tan tierno, y fuerte
Que puede mucho masq̃ el reino y muerte

29.

Fue ò hermosa Ines, tan alto el buelo
De vuestro amor, que tantos reprouaron,
Que su fin miserable, y desconfuelo
Muchos, viuiendo vos, pronosticaron:
Alas d'amor profano acà del fuelo
Lleuanta para el fin que os inuentaron
Que de breues contentos d'amadores
Los fines suelen ser largos dolores.

La Infantá coronada.

30.

Su pecho en la color mas que alabastro
Con solo el natural, dulce ternura
Pudiera conseruar la hermosa Castro
Con sus cabellos d'oro y frente pura
Sin passar la detdicha de su astro
Sin saber las mudanças de ventura
Ni sujetar su cuello blanco y puro
A la feruiz d'amor tan mal seguro.

31.

En la frescá ribera del Mondego
Cogias bella Ines las varias flores
De las leyes izenta d'amor ciego
De vanos pensamientos boladores:
O quanto mas valia aquel sociego,
Aquellos tiempos quanto eran mejores
Y quanto mas el alma estaua pura
De quantos mas quilates la hermosura.

32.

Las flores que cogia con su mano
Humildes y contentas se inclinauan
Prendadas de su gesto soberano
A qual primera todas se acercauan.
Los paxaros d'inbierno, y de verano
Con sus bozes y cantos saludauan
Ines, quando contenta sin cuidado,
La inquietud d'amor todo ha trocado.

33.

El pueblo por las calles murmuraua,
Ya se quexan al Rey los cortezanos,
El quarto Alfonso inclito reinaua,
Que fuera soccorrer los Castellanos.
Contra el Mauro poder, que caminaua
Con fuertes esquadrones y loçanos
Talandó ya las villas y campaña
De nuestra no vencida madre España:

La Iffanta coronada.

34.

Considerando pues el Rey prudente
El calo, y la afficion del hijo amado
el murmurar confuso de la gente,
En fin de todo el reino el gran cuidado:
Derrimò quitar tan crudamente
A Ines del mundo y ser remediado
El moço Iffante Pedro, que perdido
Andaua, sin sociego, y sin sentido.

35.

Al tiempo que nel pecho rigoroso
Confirma el Rey Alfonso la sentencia,
Boluiose atras el rio caudeloso
Doliendose de ver tanta inclemencia:
Apello con su carro luminoso
E clypsado paró puesto en presencia,
Como quien enlutado le dizia
Que fintan duro Ines no merecia.

Los

36.

Los montes encumbrados se arruinan,
Los valles mas profundos se lleuantan,
Los vastos elementos se amottinan,
Los paxaritos musicos no cantan.
Los verdes y altos arboles se inclinan,
Los tygres y leones ya se espantan,
Los corderos, y pastores en los prados
Tristes sobre la hierua estan echados.

37.

Todo lo que no siente, y sensiriuo,
Todo lo que està firme, y se menea,
Lo que no tiene vida, y lo que es biuo,
Y lo que no descurre, o firma idea:
Por baxo stilo, rude, o por altiuo,
Por señales, por habla, o porque sea
Bien sienten la sentencia rigurosa
Dada contra ti, ò Castro hermosa.

La Infanta coronada.

38.

Vn solo consejero ambicioso
Lleuado sin justicia en su passion
Del honor, y bien ageno embidioso
De la virtud de vn Rey es corrupcion:
Si destes fueren muchos, que reposito
Tendra vn triste reino en perdicion,
Que al talle del rey, y consejeros
Se accomodan el pueblo, y caualleros.

39.

Por tal consejo prende el rey ayrado
A Ines, que qual flor entre las manos
Quedò descolorido el rostro amado
Las proprias entregando a los tiranos:
Ya mueue Ines el passo aprefionado
Delante si lleuando los hermanos
Sus tres queridos hijos que llorando
La madre sola van acompañando.

Qual

40.

Qual fueren los muchachos en verano
Cojer la Filomela en caro nido,
Los hijos apretados con la mano
Les hazen dar el canto atemorido:

Talla bella Inez del inhumano
Rey preza, con sus hijos nel sentido
Viendolos mal tratar, echar nel suelo
Llora, y lloran ellos sin consuelo.

41.

Lo que le dà a Ines mas sentimiento
Es no saber lo que de Pedro harian,
Diziendo, esta prision que porti fiento
Sabrosos para my lazos serian.

Con tanto te dexaſſe el pueblo izento
Que las culpas en my se vengarian
Y para que me tengas en memoria
Estas prendas te dexo de mi gloria.

La Iffanta coronada.

46.

Sabiendo Pedro bien lo que passaua
Partiose a soccorrer su bella amiga,
Y quando la guerrera torre entraua
Defension de Coimbra fuerte antiga.
El caso succedio que no peusaua
Que la gente popular como enemiga
La puerta le negaron y prendieron
Y diferente carcele le dieron:

47.

Indomito animal desenfrenado
Fue siempre el pueblo rudo sin consejo
Y mucho mas si fuere amotinado
Con summa autoridad del noble y viejo;
Dexarse vn cuerdo Rey ser gouernado
D'aquel que de virtud no es espejo
Es causa para el vulgo con violencia
Querer juzgar tal caso en su presencia.

Que

48.

Que cosas no intenta amor profano?
De su fãeta blanda, y penetrante
Qual pecho se defiende siendo humano?
Es mudable, malo, peor constante:
De peñas, montes, sierras, haze llano,
Apoca lo mas arduo al pobre amante,
Y quando ya le tiene encadenado
El garrote le dà con su cuidado.

49.

Ines y Pedro puestos en cadena
(Amor qual otro no de polo a polo)
Los desgustos de Troya por Elena
Recela en Portugal el claro Apolo.
Llorando Pedro està su triste pena,
Està llorando Ines su Pedro solo,
Crefce tan dulce amor con el tormento
Como crefce la llama con el vientre.

Sublime

La Infanta coronada.

50.

Sublime Rey Afonso y soberano
Tu hijo Pedro mira, y Ines bella,
Vza de piedad Rey Lusitano
Sino te mueues del, mueuete della:
Eres hombre señor o tygre hyrcano
No quieras apagar esta sentella
Con muerte tan cruel, porque apagada
Lleuantarase llama mas doblada.

51.

Fueron en todo el tiempo sublimados
Los Reyes que en piedad se sublimauan,
Traiano y Pio Antonio tan nombrados
Que para sentenciar ambos llorauan.
A los que d'amor tierno eran culpados
El querido perdon nunca negauan,
Perdona pues a Ines, o la destierra
Que matarla es manchar tu reino, y tierra.

Mira

52.

Mira los ojos donde el mismo cielo
El justo perdon pide, no lo anubes
Es tu riguridad vapor del suelo
Que sube, y se condensa en negras nubes?
No sean tus entrañas mas que de hielo,
Que ni con sol ardiente te derrubes,
Tu coraçon no sea peña dura
Que a los golpes del agua està segura.

53.

Qual peñasco o cerro, que a los vientos
Resiste siempre firme, y mas seguro:
Tal se muestra Alfonso a los lamentos,
Y lagrimas d'Ines tan fordo y duro:
Verdugos nobles son, y mas hambrientos
Aprestan el puñal d'azero puro:
Dezidme contra quien ha caualleros,
Los braços empleais fuertes guerreros.

C

Luego

La Infanta coronada.

54.

Luego a Pedro en la carcel auisaron,
Boluio sus ojos hitos para el suelo
Que por mui gran espacio alli lloraron
Sin tener esperança de consuelo:
En su idea alli se apresentaron
Los remedios que auria d'agil buelo,
Para liurar a Ines su dulce amiga
De la vezina muerte, y enemiga.

55.

Qual Lybico leon que aprefionado
Con las guarras heriendo el aposento
Buscando por do salga al campo y prado
Y vengue su prision sanguinolento:
Tal Pedro en la prision feroz airado
Tramando la vengança en pensamiento
Buscaua en muchas partes la salida,
Muriendo por saluar tan dulce vida.

Despues

56.

Despues que se aplacò del accidente
De su braueza tanta luego al punto
Despide al Secretario prestamente
Que lleva de sus firmas el trasunto:
Al sabio Lycaonio en occidente
Le manda suplicar que venga junto,
Deshazer la terrible y dura suerte
Que tiene destinada Ines a muerte.

Fin del primer canto.

C 2

CANTO



CANTO SEGUNDO.

*Viene el sabio Lycaonio a la torre do està el
iffante, y lleualo en su coche a la prision de doña
Ines de Castro, y lleualos ambos a su encantado
apofiento, do les muestra retratos de cosas neta-
bles y antiguos inuectores de las artes. Y de todos
los Reyes y Emperadores Romanos, hasta Ro-
dulpho.*

I.

EL alma del amante transformada
(Amor que todo puede ansi lo ordena)
En la cosa mas querida, y mas amada
Està contenta, mas de gloria llena:
En ella biue, y muere descansada
Quando se executasse igual la pena,
Por esto inuenta Pedro, y busca modos
Para que biua Ines no mueran todos.

Lycao:

2.

Lycaonio era astuto, sabio, experto
 Doctísimo en la magica doctrina
 Por ser cabal nel arte hizo concierto
 Con la canalla vil luciferina:
 En todo lo que quiere era tan cierto,
 Que dende lexos sabe y adeuina
 El mensaje que Pedro le embiaua
 Y para socorrerle se aprestaua.

3.

Ya sale de su lobrego aposento
 Cuya puerta antre dos peñas salia
 Do siempre la mar, brama y sopla el vieto,
 Donde la noche sale, y acaba el dia:
 Era esta cueua grande, y el fundamento
 Tenia nel interno, y descendia
 Por vna escalera angosta y alta,
 De tuegos llena, mas de luzes falta.

C 3

A do

La Iffanta coronada.

4.

A do su sciencia triste communica
Con aquel Angel malo, vn tiempo bueno;
Que el libro n gromantico le explica
Y le enseña las hieruas del terreno.
Dò la memoria y el sentido aplica
El triste viejo ya de canas lleno
No temiendo el lugar luciferino
A sus pesados años tan vezino.

5.

Mui poco tiene andado el mensajero
Quando ya Lycaonio se partia
Rompiendo el ayre frigido y ligero
Su carro de cristal en que venia:
Quatro garças le tiran, y primero
Quel sol del alto punto y medio dia
Se baxasse alumbrar el occidente,
Lycaonio llego mas prestanto.

Qual

6.

Qual fueren de Menandro a la ribera
Bolar los Blancos cyfnes en verano
Quando la dulce y verde primavera
Los arboles florece, esmalta el llano:
Ansi las lindas garças con ligera
Respondencia, y gallardo buelo vfano,
El cristalino carro con sociego
Sientan a la ribera del Mondego;

7.

Mirò el viejo a su rugada frente
Nel agua, y cogio vn golpe della,
El rostro se baño tan solamente
Iuzgando ser indigno de beuella:
De las flores cogio mas largamente
Diziendo en ronca boz, ò tierra bella
Del cielo regalada, pues tus flores
Y aguas dulces vierten mil amores.

La Iffanta coronada.

8.

Boluiose entrar nel carro cristalino
Los altos edificios contemplando,
Y dando vn fyluo horrendo, sin mastino
El coche van las garças lleuantando:
Acercase a la torre, que el destino
Le vendria de lexos enseñando,
Aunque Pedro piensa que es la muerte
Empieça el sabio viejo desta fuerte.

9.

Soy Lycaonio yo ò claro Iffante
Que vengo libertar tu cara prenda,
En valor de mi arte tan pujante
Que mi voz a Pluton es estupenda:
Mueuo el reino obscuro en breue instante,
Y de tierra, fuego, agua, ayre, la riéda
De la virtud de hieruas, flores, plantas,
Entiendo y callarè mas otras tantas.

Aqui

10.

Aqui me tienes Pedro a tu seruicio,
Mandame que se hara lo que quisieres;
Arrazarè vn monte o edificio,
Lleuantarè los valles se ver quieres:
El rio mas caudal que por officio
Lleua su agua al mar, si pretendieres
Que buelua, (claro principe excelente)
Harè que buelua atras buscar la fuente.

II.

Y como quien sabia los intentos
Del Iffante, echando vn grito solo:
Mouieronse los vastos elementos
Delante aparecio el viejo Eolo:
Que fuelle las cadenas a los vientos
Le manda y que la mar de polo a polo
Con tempestad rebueluan lo profundo,
Con truenos furibundos todo el mundo.

La Iffanta coronada.

12.

Luego se vio la mar tan lleuantada
Con olas, que las nubes auezinan:
De la peña mas firme y encumbrada
Los cimientos parece se arruinan:
La campaña està toda albororada,
De los montes los arboles se inclinan,
En la choça el pastor no es seguro,
Ni la ciudad defiende el fuerte muro.

13.

Solo do Lycaonio, y Pedro estauan
Vn zefiro suaue se sentia;
Que los vientos asì no respirauan
Que el que los libertò, lo defendia:
Entro Pedro nel carro, y desplegauan
Con suma ligereza y gallardia
Sus alas las garchotas, y bolando
A la torre d'Ines se van llegando.

Canfa-

14.

Canfada de llorar, el pecho elado
De miedo, por el suelo està tendida
Qual la linda flor en parque o prado
De rezio viento, y agua combatida:
El ramo en que se tiene està quebrado
La bel'eza, y la color toda perdida,
Ansi con su dolor sin su iffante
Vieron la bella Ines ambos delante.

15.

Bezò la mano Pedro a su amado,
Y vna y otra vez della le tira,
No oye bozes no, tan lastimada
Que a penas se le entiende que respira:
De sus hijos tambien acompañada,
Que todos a qual mas llora, y suspira,
En sus braços don Pedro los tomava
Con ellos en el carro luego entrava.

Llevanta-

La Iffanta coronada.

16.

Lleuantaron las garças presto el buelo
Y blando, no ligero apresurado,
Como los blancos cyfnes hiendo al cielo
Pretendea allegar al sol dorado:
No ay persona humana, que del suelo,
Llegase a descubrir el coche alado,
Ni se vuo descubierta el hurto en quanto
El Magico faber quiso ser manto.

17.

Bien quando transformado en brauo toro
Iuppiter hizo el hurto tan famoso,
No de plata, cendrada, perlas, oro,
Sino la bella Europa sol hermoso:
Con blanda subjecion, y con decoro
Seruiendole de barco presturoso,
Cortando va la mar, que si se alçara
Con solo ver sus ojos se aplacara:

Tenia

18.

Tenia el agil carro caminado
Gran trecho de camino sin pararse,
Al tiempo quando Febo mas dorado
Con Thetis llega alegre aposentarse:
Llegò al sitio ymbroso aparejado
Habitation del fabio, y sin cansarse
Baxaron las garçotas bozeando
Las colas, y las alas meneando.

19.

El encubierto, y magico aposiento
Para aluergar los inclitos amantes
Era vna cucua dò el pensamiento
Halla todas las cosas importantes.
Agua dulce y sabroso bastimento,
Regalos, y manjares abundantes
En las mezas puestas, y el gouierno
No parece, nel orden, del infierno.

La Iffanta coronada.

20.

Las humidas paredes de la gruta
De retratos famosos se occupauan,
Labrados por tal arte, y tan astuta
Que el proprio natural representauan:
Alli Baccho se vè, que por su fruta
Los mas afficionados le adorauan,
Y los mas que inuentaron nuevas cosas
Notables, al viuir tan prouechosas.

21.

Alli Ceres estaua tanto al biuo
Con su fertil manajo por testigo
Que enseña, y mas nos dà claro motiuo
Ser la inuentora ella en sembrar trigo:
Al i se muestra Iuppiter lasciuo
Inuentor del dinero dulce amigo,
Mercurio de las letras, ya tan varias
Al mundo yniuersal tan necessarias.

Vianse

22.

Viánse allí tambien los dos hermanos
 Oficiales primeros de hazer casas,
 Que de antes habitauan los humanos
 En tristes cuevas humidas, y razas:
Estaua Doxio horrendo con las manos
 Haziendo resistencia a gruesas mazas
 Lleuantando reparo en fuerte muro
 Inuencion de biuir hombre seguro.

23.

Del cobre el inuentor, que fue Cynira
 Con la insignia del està apoijado:
 El Egypcio tambien, que el mundo admira
 Con el modo de texer tan delicado.
El otro que contintas se conspira
 Subir el grueso paño a maspreciado:
 Con bordon, y culebras se destina
 Por noble el inuentor de medicina.

La Iffanta coronada.

24.

El retrato de Cadmo, que d'el oro
Allo la vena riqua, y el labrarlo;
El excelente Orfeo tan sonoro,
Que fuera està qualquiera de igualarlo:
Del canto el inuentor en dulce choro;
Argos que todo el mar quiso sulcarlo
Con la naue en la mano del retrato,
Inuencion prouechosa a todo trato.

25.

Estaua alli Seithen hijo del vano
Iuppiter falso Dios hombre atreuido,
Muchacho, que inuentò con propria mano
El tiro, que va d'arco del pedido:
Fue moço tan terrible, tan tirano,
Que le quedò despues nombre Cupido
Y segun el desso que tenia.
El arco siempre armado tiro hazia.

26.

Y en excellentes quadros de otra echura,
Estauan los retratos soberanos
D'aquellos que la muerte triste obscura
No consumio sus echos mas que humanos,
Romulo que edifica Roma y mura,
Principiador, y origen de Romanos,
Numa pompilio, Hostilio valeroso,
Marcio y Tarquino el animoso.

27.

Seruilio, y otro Tarquino desdichado,
Por el sangriento exemplo en sus amores,
Y Cesar contra Roma lleuantado,
El primer de los mas emperadores,
Octauiano celebre y nombrado,
Tyberio, Caio, Claudio entre mejores,
Neron aquel cruel, Galba, y mas Ocho,
Vitelio, Vespasiano, y Tito docto.

D

Do-

La Iffanta coronada.

28.

Domiciano, Nerua, y mas Trajano,
Adriano Pio, y Antonio piadoso,
Y Marco Aurelio inclyto Romano,
Comodo el malo pertinaz famoso:
Septimio Seuero el Africano,
Bastiano: y Macrino temeroso
Elio Gabalo llamado Antonio
Maximino el rustico panonio.

29.

Gordiano, Philippo, Decio, Galo,
Valeriano, y Claudio tan nombrado
A Aureliano, Tacito le igualo
Probo dalmata, y Cayo el esforçado:
Diocleciano, y Galeno malo
Cántantino bienauenturado
Luego otro Constantino y Iuliano
Y Iouiniano y Valentiniano.

Valente

30.

Valente y Graciano tambien fiero
Archadio, Honorio y Theodosio fuerte
Otro Theodosio inclito guerrero
Martiniano y Leo de gran fuerte:
Zeno y Anastasio aquel grossero
Iustino y Iustiniano que la muerte
Dieron a tantos hombres en el mundo
Iustino que del mundo fue segundo.

31.

De Tiberio y Mauricio los retratos
De Phoca, de Heraclio y Heraclion,
De Constancio y Maxencio los ingratos
Constantino de illustre coraçon.
Iustiniano de tan suzios tratos.
Leoncio y Tiberio aquel Leon
Philippico, Anastasio valeroso
Theodosio y mas Leo furioso.

D 2

De

32.

De Constantino celebre, y de aquel
Nicephoro retratos naturales,
Y otro de aquel grande Michael,
Carolo, que a sus echos no ay iguales:
Ludouico, y Lotario junto a el,
Y dos Carolos ambos principales,
Arnulpho, y Ludouico tercero,
Dos Berengarios cada qual mas fiero.

33.

Junto a Vgo estaua Berengario,
Seguianse tres otros valerosos,
Vn Henrico, vn Conrado, y vn Lothario
Estauan, y dos Henricos animosos.
Conrado prestante, y necessario
En Roma, do acabò casos famosos
Otro Lothario, otro y otro Henrique,
Otho el de Saxonia, y Federique.

34.

Rodulpho, Adulpho, Alberto excelente
 Duque de Auftria, Henrico sin segundo,
 Ludouico, y Carlo eminente,
 Roberto, Vencislao, y Sigismundo,
 Y otro Alberto ramo floreciente,
 De aquel arbol tan celebre nel mundo,
 Federico famoso soberano,
 Y el emperador Maximiliano.



35.

Y vn retrato de Turca fangre tinto
 Armado, y a sus pies preso vn Rey fuerte,
 Pintado todo en pie, claro y distinto,
 Que sus hechos no borrarà la muerte.
 Este era el famoso Carlos quinto,
 De fuerte braço, y fauorable suerte,
 Digno aguelo de nuestro gran Monarcha,
 Cuyo imperio los dos muros abarca.

D 3

Luego

36.

Y luego Ferdinando se seguia,
Tras el Maximiniano valeroso,
Rodulpho que a los Turcos oprimia,
Entiempo que otro hermano tan famoso
Rebeldes Lutheranos perseguia,
Por bien del Christianismo y su reposo:
Para por toda parte dilatarse
La fe, que en todo el mundo ha d'estimarse.

37.

Famosos, y infinitos los retratos
Eran los que la gruta circundauan:
Alli los inuectores de los tratos
Y bellica inuencion se auentajauan:
Las mesas siempre puestas, que de platos
Y de vazos riquissimos se ornauan,
Conferuan el comer limpio, calliente,
El beuer dulce, frio y excelente.

38.

Al salir se del carro Inez la bella
En los brazos de Pedro dulce amante
Abrio sus ojos claros, qual estrel a
Lucida mucho mas que el sol radiante:
A Pedro mira, y mira Pedro a ella,
Pararonse los dos qual mas constante;
No se pueden hablar, solo se miran,
Ambos lloran su pena, ambos suspiran.

39.

Inez piensa que sueña, o que està loca
(Y se no lo pensàra loca fuera)
Y con la gracia tanta de su boca
Hablò (llorando, ansí desta manera)
Es Pedro el que mi mano ahora toca,
Estoy en la prision, o della fuera?
O sueño engañador, ò sombra vana
Apparencia gustosa, tan liuiana.

La Infanta coronada.

40.

Crejera lo que el sueño representa
Si la desdicha mia ya cansara,
Pero aun empieça su tormenta,
Que para hazerme mal nunca es auara:
Estoy (querido Pedro) tan contenta,
Le dize (en contemplar tu dulce cara)
Que pena me serà muy mas pesada
Quedar sola sin ti, que aprisionada.

41.

No pudo Pedro hablar en tanta gloria,
Que el plazer muchas vezes enmudece,
Respondio Licaonio en larga historia,
Y la comida, y cueua les ofrece:
Mira Pedro a Ines, y en la memoria
Rebuelue la prision, que le entristece:
Ines hazida en Pedro està llorando,
Si tiene de dexarla preguntando.

No

42.

No podrá declararse la presteza
Con que ministrarian la comida,
Los espíritos de summa ligereza,
Vna iguaria puesta, obra trazida:
Ya mas se vio tambien compuesta meza,
Nunca se vio Ines tambien seruida,
El viejo siempre en pie administrando,
Lo que los inferiores le estan dando.

43.

Por las bocas entraua el bastimiento,
Al cuerpo, y por los ojos otro al alma,
Las manos en el plato, y el pensamiento
Nel rostro que alli vè, las dexa en calma:
La hambre lucha aqui con el contento,
Y el contento però lleuò la palma,
Porque embeuecidos los amantes
No quisieron comer, mas que semblantes.

Tanto

La Infanta coronada.

44.

Tanto puede la luz de vn rostro bello,
Y tanto la afficion enamorada,
Que no digo dos ojos, vn cabello
Suspende, y tiene vna alma assi colgada:
En Pedro y en Inez se vera aquello
Y tanta marauilla en la posada,
El hambriento calor diuertiria,
El alma contemplaua, el ojo via.

45.

Lleuantada la mesa a los amantes
El viejo les mostró otro aposento
Lleno de tales perlas, y diamantes,
Que fue para los dos muy gran contento:
En el vn lecho digno para infantes
Que no llega a pintarle entendimiento,
Los quadros de cristal, y las cortinas
De tela, y la labor de piedras finas.

En

46.

En ellos todos juntos se miraua
Formadas de materia sin segundo
Quatro donzellas, en que se notaua
Seren las quatro partes d'este mundo:
Aqui Asia odorifera incensaua,
Africa sobre el Nilo furibundo,
America con flecha, y bracelete,
Y nuestra Europa puesta en vn ginete.

47.

D'estrellas de oro era el sobrecielo
A do la luna y sol el curso hazia,
Y mouiase el cielo acà del suelo
Como el suelo del cielo se mouia:
El sol se le eclypsaua con su velo,
Menguaua alli la luna, alli crecchia,
Però sin influencia, y las estrellas
Seruian solamente para vellas.

La Iffanta coronada.

48.

Del sol los doze signos fabulosos
Ceñian la cortina hermosa, y rica,
En ella los planetas luminosos,
Cada vno por su nombre significa:
Los nombres son de dioses mentirosos,
A quien la gente ciega dura inica
En aras lleuantadas ofrecian
Sus victimas, y diablos respondian.

49.

Estauan los amantes atordidos,
Con la contemplacion de tantas artes,
Occupauan la vista, y los sentidos,
Las cosas de la cueua en todas partes:
Estando pues en esto suspendidos,
Amanecio el dia que era Martes,
Y la luz de la gruta triste obscura,
La vista no sufrio de luz mas pura.

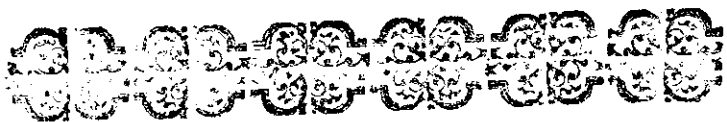
Tref.

50.

Trafmontò con la noche el graue encanto,
El fabio no parece (ò cafo raro)
En humo fe deshizo aquel espanto
De gustos, y regalos tan auaro?
Quan presto fe acabò lo que era tanto,
Vi que engaños descubre el dia claro;
Fingìò que los sacaua de cadena
Por despues se sentir maior la pena.

Fin del Canto segundo.

CAN:



CANTO TERCERO.

Cuenta se la sucession de los Reyes de Portugal: descubrimiento de la India Oriental: los Vireyes y Guernadores della. y la perdida del Rey Don Sebastian en Africa: y en sueños es doña Ines ausada se apareja para la muerte, que el Rey Afonso manda se execute, todo por ficciones poeticas.

I.

Romperase por encanto vn muro fuerte,
Aun quel muro sea fino agero,
Pero mudar no puede mala uerte,
Ni resistir la fuerza de amor fiero.
La recta ordenacion de vida, o muerte,
Dios que tiene poder supremo entero
En nos a su querer todo dispone,
Haze, deshaze, manda, quita, y pone.

Em-

2.

Empieça experimentar, ò desdichada,
Que los gustos fantasticos de amores,
Dan mas tristura al fin de la jornada,
Que nel principio dieron de fauores:
Ya te buelues auer encarcelada,
Ya buelues a sentir nuevos dolores.
Del bien tan prestamente te apartaron,
Que tus ojos a penas lo miraron.

3.

Consuelate con Pedro tu amado,
(Que es mas sufrible el mal con compañía)
No verle es otro mal, muy mas doblado;
Por dos partes la muerte te poisia:
Pedro triste, lloroso, y lastimado,
En la dura prision se adormecis,
Con la terrible nueva triste obscura,
De tan estraña, y graue desventura.

En-

La Infanta coronada.

4.

Entraua (sueña Pedro) por la puerta
Aquella, que prendiendo los sentidos
Corporales, los mas de dentro espierta,
No de vapor intrinseco atordidos:
Entrando le haze creer por cosa cierta,
Ser Angel de los grados mas subidos,
Que en profecias mil que Dios le inspira,
Diziendo a Pedro está, que atento mira,

5.

Ilustre infante claro, y soberano,
En ti buelue señor, y ve quien eres,
Son raros tus estremos tan en vano,
Que al cielo agrauiarás si prosiguieres:
Mira ser graue el peso Lusitano,
Y poco el deste amor de las mugeres,
No pongas en la rueda de fortuna
Tu vida, y fuerte reino por sola vna.

Con-

6.

Considera los inclitos aguelos
 De tu real nobleza soberana:
 Contempla los fauores de los cielos
 Echos a Reyes d'estirpe Lusitana:
 La fama por el mundo en altos buelos
 Pregona ya su fuerça mas que humana,
 Y vendra tiempo en tiempo quel oriente
 Conosca el gran valor desta tu gente.

7.

Contempla iffante ilustre aquel primero
 Conde real de quien la tierra llena
 Quedò de su valor soldado fiero
 A dò la Cruz allò la reina Elena:
 En Hesperia fue Principe estrangero,
 D'aquella antigua casa de Lorena,
 Y vna de las tres mas principales
 Altas Regias Augusta Imperiales.

E

Recuer-

La Ifanta coronada.

8.

Recuerdate tambien Pedro animoso
D'aquel primer Alfonso soberano,
Que fue valliente Rey quanto dichoso,
Pues vio su Redéptor en cuerpo humano:
Contra los Mauritanos venturoso
Con inuencible esfuerço Lusitano:
Y por blason las llagas le quedaron
Que la culpa del peccado aniquilaron.

9.

Este Rey valeroso, y tan prudente
Debaxo del pendon sancto, y diuino,
Ganò del moro barbato potente
Aquel pueblo d'vn Rey supremo digno:
La famosa Lisboa, y excelente
A do el dulce Tajo cristalino
Con diferentes aguas caudeloso
Entra nel mar Occano famoso.

En

10.

En cuya playa bella arenas de oro,
Las aguas tan sabrosas plateadas
Crián ingenios tales, que nel coro
De las Musas, sus artes son cantadas:
Hazañas contra el fuerte y brauo Moro
Con valerosas fuerças estremadas,
De que dà testimonio el Taio oy dia
Obraron Lusitanos de valia.

II.

Seras Rey deste pueblo iffante claro
(Que reyno puede ser d'vn Rey bastante)
No te muestres con el señor avaro,
En hazerle mercedes mui constante:
Por ser hijo del Griego illustre y raro
En armas, y consejo tan pujante;
Merece le lleuantes en nobleza
Que sea de tu reyno la cabeça.

La Infanta coronada.

12.

Contempla ya los Reyes tan famosos
Antecessores tuyos de memoria,
Sus hazañas, sus echos valerosos
Tan dignos d'alabança, eterna gloria:
Dexa ya tus amores ociosos
Su triste fin amargo y larga historia,
Buelue la rienda y dexa tantos vicios
A Dios pretende hazer otros seruicios.

13.

Seràs tímido Rey y valeroso
Lograras largo tiempo el Lusso imperio,
Siempre lo regiras justicioso
Sin latrocínio, muerte, ni adulterio:
Seras tan soberano y poderoso,
Que no te haran nel reino vituperio
Porque no se guardan, ni se temen leyes
Sino quando temidos son los Reyes.

Tu

14.

Tu successor serà vn don Hernando
 D'aspecto graue, y graue gentileza,
 Este serà pero remisso, y blando
 Para templar tu aspera fiereza:
 El reino tratarà mal, pero quando
 Se sienta en summo grado su floxeza
 Recebirà el sceptro Lusitano
 Vn don Iuan bastardo soberano.

15.

Temblará deste braço el proprio Marte,
 Tan valiente sera como dichoso
 Su nombre esparcirà por toda parte
 Al son del instrumento belicoso:
 Tendrà por successor vn don Duarte,
 Rey d'infelice signo y trabajoso,
 Naturaleza alterna deste modo
 Por permission diuina, el mundo todo.

16.

Alfonfo le fuccede valerofo
Temido por las armas, y por leyes,
Este fera terrible y animofo
Temeran fu valor los otros Reyes:
A este le fuccede, vn Rey famofo
Mejor paftor, que nunca tuuo greyes
El fe guando Iuan fuerte, y valliente
En guerra y paz aftuto, Rey prudente.

17.

Tendrâ por fucceffor vn Rey nombrado
Don Manoel primero esclarecido
Romperâ por fu mando el mâr falado
Vn Gama en todo el mundo conofcido:
A dò repofa Phebo en fu eſtrado
Harâ fea tu Rey obedecido
De Reyes, que de ſolo oyr fu nombre.
Portuguez, cada qual temble y fe afombre.

Harâ

18.

Hará vn nuevo imperio en Oriente
Por mano de soldados valerosos;
Y vassallos tendrá nel occidente,
Que no teman los mares procelosos:
Esta conquista hirà siempre en creciente
Con sus gouernadores tan famosos
Vn Almeida primero, y el segundo
Albuquerque illustre en todo el mundo.

19.

Y luego cortará los hondos mares
Para que nombre eterno, y fama tenga
El prudente, y fuerte Lopo Suares
Que tendrá por renombre d'Aluarenga:
Animoso varon, que singulares
Casos, con fuerça inuicta y mas sustenga,
Torres Viedras será su patrio nido
De padres illustrissimos nascido.

La Iffanta coronada.

20.

Vn Siquera, vn Menezes, luego vn Gama,
Y luego otro Menezes valeroso,
Menezes apelido, que la fama
Hizo por todo el mundo temeroso:
Vn Sampayo, y vn Cuña que derrama
La Maura sangre, y Garcia honroso
Noroña illustre inclito renombre,
Y otro Gama tal que al mundo asombre.

21.

De braço valeroso vn Souf raro
En gouernar, tambien vn Castro fuerte
Liberal en Oriente, nada auaro
Por mar y tierra en darles cruda muerte:
Vn Sà, luego vn Cabral, vn varon claro
Contra Moros valiente de tal fierte,
Que les fera mortifera ponçoña
Su nombre don Alfonso de Noroña.

Entra,

22.

Entrara Mascareñas brauo horrendo
Al barbaro que tendra siempre sujeto,
Renombre al infiel fiero. estupendo,
A quien el Marte dios tiene respeto:
El Asia toda veo estar temiendo
El brauo successor fuerte barreto;
Este sera varon sabio animoso
Y su braço a los Moros espantoso.

23.

Succede en la misma gouernança
Sulcando el hondo lago Neptunino
Aquel ramo excelente de Bragança
Que por nombre tendra don Cõstantino:
Traz este el oriental gouierno alcança
Vn Conde de Redondo, peregrino
En esfuerço, y saber Coutiño claro,
Renombre en Portugal, insigne, y raro.

La Iffanta coronada.

24.

Sucedele Mendoça ilustre y bueno,
A este, otro Noroña valeroso:
Y luego passará el hondo seno
Don Luis d'Ataide belicoso:
D'aqueste temblará el Sarraceno
Su nombre le será siempre espantoso
Dos vezes tendrá mando en el estado,
Al fin se quedará alli sepultado:

25.

Otro Noroña luego, otro barreto
Vn Tauora tambien noble excelente,
Appellido notable hombre perfecto
Y nombre venturoso, infelixmente:
Vn Menezes vendrá de gran respecto;
Vn Teles de Menezes tan prudente,
Que despues de regir aquellas gentes
El primero será de Presidentes.

Succederà

26.

Sucederà despues el claro nombre
De Mascareñas, brauo en toda parte,
Don Fráncisco quel Moro y Turco asombre
Y tiemble en su presencia el fiero Marte.
En las fuerças leon, tendrá renombre
Conde de santa Cruz, y baluarte
Para la paz, y guerra, defensor
De la fè, de la patria, y del honor:

27.

Œucedele Menezes nel gouierno
Famoso Conde illustre, vn Soufa luego:
Albuquerque vendrà que el reyno Auerno
A fuerça romperà de sangre y fuego;
Nombre famoso en Oriente eterno
Fuerte y venturoso en Marcio juego:
Vn Conde Gama, y vn Saldaña bueno,
Y vn Castro sulcarà el hondo seno.

En

La Infanta coronada.

28.

En tiempo destes inclitos varones.
Felices, prudentísimos y fuertes,
Mil otros d'illustrísimos blasones
Yguales, nel valor, no en las fuertes:
Dilataran a Christo y a sus pendones
Auenturando sus vidas por dar muertes
A la idolatra gente y pueblo bruto
Que al Rey de Portugal niegue tributo.

29.

Si en algun tiempo, mal afurtunado
Estuuiere el estado; y los ymigos
Crescieren, dara Dios vn fuerte Hurtado
Que toda fama hurte a los antigos:
Este dexo ante ti arrodillado
Sercado mas de hechos que de amigos,
Y con tal Portugez en tu preséncia
Bueluo a celebrar tu decendencia.

Al

30.

Alrey don Manoel sabio excelente,
Sucedera Iuan blando, y quieto,
Pacifico sera manso, y prudente,
Conseruador de paz, Rey muy perfeto:
Vendrà Sebastian moço valiente,
De pecho tan feroz, y graue aspeto
Que conquistar los moros detrimina;
De su vida, y reino la ruina.

31.

Este con su exercito famoso
De España passara al otro canto
Pero serà mas fuerte que dichoso,
La causa sabe el cielo justo, y santo.
La multitud de moro belicoso
Pondrà en otro pecho graue espanto
Que el Rey Sebastian brauo, y seguro
Al moro espera armado de hierro puro.

La Iffanta coronada.

32.

Puestas de frente a frente las campañas
Presentaran batalla rigurosa
Tendian escaramuças con mas sañas
Al son de trompa y caxa sonoroza:
Los fuertes Lusitanos mil hazañas
Haran con fuerte mane, y poderosa;
Cortando, y destroçando con sus pieças
Pechos, manos, piernas, y cabeças.

33.

La multitud del barbaro Africano
De fuerte crescera, con tal pujança,
Quel campo desdichado Lusitano
Perdera de vencer toda esperança:
Ya su querido Rey en todo el llano
No quiere otra mas firme segurança,
Que romper el camino con la espada
Para legar la muerte a su posada.

Canfara

34.

Canfarà fu ginete furibundo
Pero la espada ño ni fu valor,
Vn herido cauallo fin segundo
Sintiendo mas fu Rey que fu dolor:
Pierdasè la campaña y todo el mundo
Le dira, y saluaos vos teñor
Cresce el bando inimigo y andais herido
En vuestra propria sangre muy teñido.

35.

Tomad Rey mi señor este cauallo
Descanse vuestro braço, y pecho fuerte,
Porque muriendo yo, muere vn vassallo,
Y todo se aruina en vuestra muerte:
Responderale Rey quiero acceptallo
Que pues me veo solo, y desta suerte
A cauallo vengar la muerte quiero
De tan leal vassallo y cauallero.

Saltan-

La Infanta coronada.

36.

Saltando nel cauallo con fiera
Hara Sebastian muy crudo estrago
Cortando a todas partes con braueza,
Al fin sera la muerte el triste pago:
Ya no le valdran fuerças; ni destreza,
Ni corona real con su halago,
Que contra lo que el Cielo predestina,
No vale lo que el hombre detremina.

37.

Contempla deste caso el gran secreto,
Va contra el Serraceno el fuerte Rey,
Tan sancto, y tan loable su respeto
Pues quiere dilatar Christo, y su ley:
No llega entendimiento a tal concepto,
Sin pastor quedara toda la grey
Con tanta desventura, y mala suerte
Que venturoso aquel que hallò la muerte.

ODi-

38.

O deidad suprema, y prouidencia
 Quien negarà Señor lo que se deue,
 A tu bondad sublime, y preminencia,
 O qual entendimiento ati se atreue.
 O cultos casos son en tu essencia,
 Acabada pero la vida breue
 Delante tu aspecto tan jocundo
 Verasse lo que no penetra el mundo.

39.

Seran muchos los muertos, y cautiuos
 Y mucha mas la sangre derramada,
 Mas muertos quedaron, los que mas biuos;
 La Lusitania triste, y enlutada:
 Con que colores de oro tan aluios
 Estará la campaña ya sembrada;
 Que galas, que joyeles, que thesoros,
 Quedaran en las manos de los moros.

F

Despues

40.

Despues de exécutado vn largo llanto
Con la perdida tan triste en Portugal
Enrique reynará cardenal sancto
En las leyes y gouierno al reyno igual:
Cansada la vejez con cargo tanto
Su alma fanta y pura y immortal
Tomará la corona de otro imperio
Sublime, soberano, claro, eterno.

41.

El monarca Philippe, y Rey prudente
Succederá poniendo espanto al mundo
En vno, y otro polo tan potente
Que temblen os del concauo profundo:
En guerra, y paz sera sabio eminente;
Rey del nombre primero sin segundo,
Cuyo real blason sublime y raro
Estará prometiendo vn Rey tan claro.

42.

Varones dos tendrà de su consejo
Vno de paz fera, otro de guerra;
En su saber cada vno astuto, y viejo
Con larga experiencia en mar y tierra:
Doy Hernando, y Christoual mas anejo,
En quien prudencia theoro encierra,
Discordes en la patria, embidiados
Mal que persigue mas, los mas priuados.

43.

En tiempo ya de su justo gouierno,
Del reyno vn desechado pretendiente
De do lo mas del año es duro inuierno
Isla notable y santa antiguamente:
Con quatorze mil almas del infierno
Vendrà con amenazas de potente,
En los muros las balas disparando;
Con que cerco Lisboa el Rey Fernando.

La Iffanta coronada.

44.

Tendrá Philippe en esta cojuntura
Con gouierno excellente en Portugal
Vn Archiduque d'Austria en quié sea pura
La magestad mas alta, y mas cabal:
Con inuencible pecho y con cordura
Echarà los Inglezes con su mal,
Dexale el Rey en pago por consuerte,
Su hija, y prima del hasta la muerte.

45.

Ambos regiran la elada Flandes
Haziédo a Dios, al Rey muy gran seruicio,
Harà el Austril Iouen cosas grandes
Contra el campo rebelde Mauricio:
Aun que tu fortuna te desmandes
Contra los dos tramando en tu officio,
Sujeterà Alberto los estados
- Rebeldes a su Rey, y lleuantados.

Def.

46.

Despues que este Philippe sin segundo
 Causar (muriendo) a todos graue llanto
 Alegrase el reyno y todo el mundo
 Con Philippe successor segundo y santo:
 A todos sera Rey manso y iocundo,
 Y todos le amaran con amor tanto,
 Que todo sera paz, todo alegria,
 Galas, fiestas, seraos, y bezarria.

47.

Tomarà por esposa a Margarita
 D'aquella casa de Austria tan antiga,
 Tendran generacion quasi infinita
 Sin que nel mundo alguno les persiga:
 Veran como la Reyna se exercita
 En oracion mental con que se liga
 A Dios quedará dichosa y santa
 Tan llena de humildad, y virtud tanta:

48.

Serà del real sceptro graue el peso.
Los reynos tantos, tantos los estados
Por no tener vn loüen siempre preso
Con los muchos negocios y cuydados
Dexale el Cielo vn duque de gran fiso
Vn sandoual de aquellos estremados,
De cuya mano igual sabia prudente
El Rey suspenda el peso de su gente.

49.

Lisboa neste tempo tan famosa
Serà ya por visreyes gouernada,
Tendrà el claro Rey por justa cosa
No salir de su silla acostumbrada:
Dende alli con su mano poderosa
Benigna liberal y sublimada
Enchirà de mercedes este assiento
Debaxo de su jugo ya contento.

Atien-

50.

Atiende o Pedro a tantos successores,
y tan grandes hazañas de vassallos,
Despidanse (que es tiempo) tus amores
Que no podras cō ellos nunca honrrallos:
Desgustos de fortuna y desfauores
Importa claro iffante soportallos
Porque tu vida tenga, y alcance el alma,
El sceptro aqui Señor, nel cielo palma.

51.

Despertò el iffante deste sueño
Pensando que Angel santo alli le hablara,
y con semblante alegre, y halagueño
Consuela su pafsion triste amara.
Lleuantate dexando el duro leño
En que la cama està de que se alçara,
Pero su padre Alfonso sin clemencia
Ya manda se execute la sentencia.

F 4

Quedò

La Infanta coronada.

52.

Quedò Pedro de llargo parlamiento,
Con que le dieron habla entredormiendo,
Suspenso, sin hazer mas mouimiento
Que no poder vengarse estar sentiendo:
Cançada de llorar, sin mas contento
En su prision Inez adormeciendo
En sueños se le muestra, y alli le dize,
Con que no tanto el mal le atemorize.

53.

El cuchillo le muestra denodado
Que robarà su dulce y cara vida,
Con sin tanto mas triste, y mas pezada
Quanto d'amor porfano mas querida:
Que despida del mundo su cuidado
Le dize, y que muriendo dolorida
De la culpa passada contra el cielo,
Dara su alma a Dios dichoso buelo.

Muc-

54.

Muestrale otro iffante mas hermoso
De Rey no vniuersal,tan bello y claro,
Como el summo Padre y Spirito amoroso,
Yguales en poder supremo y raro:
Otro campo le muestra, otro reposo,
Aque llegar no puede el mundo auaro
Otras fuentes, y arboles sombríos
Otros valles le muestra con sus ríos.

55.

Son (le dize el sueño) Inez graciosa
Los campos de los cielos estrellados
Sus flores son estrellas,son su roza
El sol,y luna,y de crystal sus prados:
Aqui se vè la fuente caudelosa,
De que beuen los bienauenturados:
Aqui tiene su lleno entendimiento,
Aqui solo se reina con contento.

F 5

No

No temas este trance de la muerte
Ni tengas ya memoria de la vida,
Muestrafe Ines aqui tu pecho fuerte,
Pues amor-abrió fenda a tal herida.
Tu alma y tu consciencia esten de suerte
Que rosto del cruel duro homicida
Tu pecho, sin recelo salga el alma
Gozar eternamente eterna palma.

No te recuerdes de hijos aunque tres
De Dios te recuerda solo que offendiste
Porque quien al cielo sube hermosa Ines
Nada del mundo y vida le háze triste.
En quanto tu don Pedro y Reyes despues
Passado quien ahora al reyno asiste
El sceptro sustentaron con sus manos
Tendran memoria, Ines de los hermanos

Fin del canto tercero.

CANTO

LIBRO QVARTO.

Cuentase la dolorosa muerte de doña Ines de Castro, el sentimiento que della se tuuo, y con algunos' ficciones poeticas, la sepultura que le dieron: la muerte del Rey Alfonso: y como levantando por Rey el infante don Pedro truo a las manos los homicidos, y los encarceló. Fingije que visitando el Rey don Pedro la sepultura de doña Ines fue de alli arrebatado, y le mostraron en un hermoso campo las sepulturas de todos los famosos poetas, assi antiguos como modernos, y de otros varones excelentes:

I.

DE quantas muertes tristes, y violentas
 De quantos rebos ya, y desuenturas
 De quantas tyrannias tan izentas
 Amor la causa fuisse en tus locuras?
 Trayciones, injusticias, todo inuentas
 Humanas y diuinas escripturas
 Enseñan deste amor la falla gloria,
 Este de nuestra Ines formo la historia.

Del

La Infanta coronada.

2.

Del sueño Ines se despierta, y los sentidos
Al punto todos juntos despertaron
Abrieronse los ojos tan queridos
De Pedro como blandos le prendaron;
Todos con miedo horrible pauoridos,
Que del pesado sueño en sí formaron
La tienen perturbada sin sentido,
El rostro sin igual descolorido.

3.

Pero boluiendo en sí mirando al cielo
Dixo con voz cansada y lastimosa,
Señor pues te offendi acà nel suelo,
Culpada te siendo tan enojoza.
Antes que salga deste mortal velo,
Dame igual contricion a tanta cosa
Y el merito de tu hijo soberano
Compeçe mi maldad, medela mano.

Bien

4.

Bien se que te offendi, yo lo confieso,
Y el alma que viuió tan nesciamente
Y vida de tan fuzio y ruin proceso
Bien merece morir eternamente:
Y que por tu sentencia y mando expreso
Arda nel fuego miserablemente,
Mas tu misericordia señor mio
Innunda mas que el agua deste rio

5.

A los que le estauan offendiendo
A tu hijo en la cruz por tantas vias
Perdona ,y el estas perdon pidiendo
A ti eterno Padre, culpas mias.
Otraes en la cruz le estan poniendo
Y matanle otraes con agonias
Por mi pide perdon, tu Padre eterno
Me perdona y libra del infierno.

La Iffanta coronada.

6.

El mismo Christo eres a la errada
Que llorò su peccado, el perdon diste
Y tanto de tu amor le diste entrada
Que el lasciuio en diuino conuertiste
No muero Señor, no desesperada
De por la puerta entrar que a ella abriste
Que aunque me faltasse penitencia
Mi muerte llamara por tu clemencia.

7.

Yuos caros despojos desdichados
Dulces prendas de mi passada gloria
En perderme no foys desuenturados
Ni yo en os dexar por mi memoria:
Los espejos fereis de mis peccados,
Los escritos fereis de mi historia,
Y tus puñales mas en esta muerte,
Que pocos son en tan contraria suerte.

Abra-

8.

Abraçadme o dulces hijos mios
Hijos tã cerca de quedar sin madre
Dezilde destes dos caudales rios
Si la ventura os lleua a vuestro padre.
Bien se segun conosco vuestros brios
(Que aunque el morir solo me quadre)
Se tuuierades fuerça en vuestra diestra
No muriera asì la madre vuestra.

9.

Lleuantando sus ojos para el cielo,
Y las manos tras ellos lleuanta:
Quando baxar los quiso para el suelo
Los dos verdugos vio con que se espanta
Ataronle las manos sin recelo,
Hazidos los cabellos y garganta,
Lleuantaron la adaga carnìcera:
Dizen que fue Iesus la boz postrera.

La Iffanta coronada.

10.

Las que primero hablò fue de rodillas;
Hablando con el Rey que estaua ausente;
Diziendo, a queste son las marauillas
De t u braço tan fuerte, y tan potente:
Por honor de las dos nobles cartillas
Mataste, y catiuaste tanta gente,
Y tomas por triunfo ati deuido
Matar vn coraçon que esta rennido.

II.

Si por mi no te mueues en tal hecho
Mueuante a piedad estos tus nietos
Que le quitas cruel, su dulce pecho
Y tufriran sin el duros aprietos:
Destierrame a tu gusto y a mi despecho
En los frios o calidos desiertos,
Quiça podre hallar entre leones
La piedad d'humanos coraçones.

Qual

12.

Qual suele ya la fiera entre monteros
 Despues de muerta en cãpo estar tendida:
 Ansi entre los feroces carniceros
 Està la bella Ines sin sangre y vida.
 Qual flor quando la pisan passajeros,
 O rosa que sin tiempo fue cogida,
 Tal la linda Ines sin gracia alguna
 Tendida està, conforme a su fortuna.

13.

Por colorar la muerte que le dieron
 Los verdugos feroces inhumanos
 Los despojos hermosos recogieron
 Los hijos, digo caros tres hermanos:
 Sepulcro al triste cuerpo no le dieron
 Que nõ quieren los cielos soberanos,
 Que quien la muerte dio a tal Señora
 Le quiera sepultura dar a hora.

Supieron los pastores del mondego
Y las nimphas de su verde ribera,
El caso lamentable, y juntos luego
El mas anciano al Rey Alfonso fuera:
Diziendo las desdichas de amor ciego
Nos compiten o Rey hircana fiera,
Mandadnos dar el cuerpo sin ventura
Que le queremos dar la sepultura:

15.

La compañia pastoral luego al momento
Tomo la posesion del cuerpo triste,
No fuera entre ellos musico instrumento
Ni la color alegre alguno biste.
Llorosos van a solas sin contento
Diziendo amor cruel tal pago diste.
A quien te obedecio con tantas veras,
Tus obras a la fin siempre son fieras.

Por

16.

Por oyr solamente el claro rio
 Detuvo la corriente presurosa,
 Al bosque llegan todos mas sombrio
 Que riega el agua dulce, y deleitosa.
 Alli con triste llanto de amor pio
 Sepultaron Ines ilustre hermosa
 Con la letra que dize en piedra dura,
 Sobrome la beldad, faltò ventura.

17.

Las nimphas sobre el triste Mauscolo
 Esta muerte llorando amargamente
 Ya mas de Ines el cuerpo dexan solo,
 Ni paxaro tocarle se consiente:
 Como en Arcadia, quando el claro Apolo
 Muerto, y no se llorò tan tiernamente
 Ni vuo tantas lamparas de fuego
 Como de presto alli se encienden luego.

La Iffanta coronada.

18.

Las aues con tristeza en compañia
El tumulo de lexos saludando
Diz cantan con tristissima harmonia
Y muestran a su modo estar llorando:
Les manfos corderillos, sin mas guia
Que su dolor interno, van balando
Al sepulcro llorar con sus pastores
La triste desuentura, y mal de amores.

19.

El perenal mondego y cristalino
Desamparò su curso acostumbrado
No quiso llevar mas aquel camino
Por llorar de nuevo su cuydado.
El oliuo cypres el alto pino
Y los arboles todos de aquel prado
El fructo que solian no llevaron,
Y muchos sin reparo se secaron.

El

20.

El Rey Alfonso alegre y satisfecho J
 Dió libertad al hijo claro iffante
 Soltosse luego aunque a su despecho
 Que no quiere viuir fin ser amante.
 No fuelta, aunque fuelto, de su pecho
 Lo que se determina en adelante,
 En quanto viue el padre, en su concepto
 Tramaua la vengança en gran secreto.

21.

Que principe o que Rey serà tan fuerte
 Que al mundo saliendo a tomar vida,
 De las leyes se izente de la muerte
 Y no oyga su boz atemorida
 No ay pecho que su flecha no acierte
 Quando del corbo arco la despida
 Hasta Dios por nosotros humanado
 Muerto fue con la flecha del peccado.

G 3

La

La Infanta coronada.

22.

La terrible parca fiera y robadora
Cortò el hilo a Alfonso, y a su reynado
Por ser su alma eterna moradora
Del cielo si la vida lo ha ganado:
No bien saliera el alma boladora
Del pecho con vejez triste y cansado
Quando Pedro piensa en la vengança
De aquellos que cortaron su esperança.

23.

Los verdngos crueles que sentieron
El enojo tan biuo, nel Rey nuevo,
Al reyno de castillo se acogeron,
Por no prouar la saña de vn mancebo.
Pero tantos recatos no valieron
Que puesto que nel monte al pino Neuo,
Los fuera descubrir por cenas ciertas
Don Pedro, y en regiones mas desiertas.

Rey-

24.

Reynauan neste tiempo en nuestra España
 Tres Pedros cruellísimos famosos
 De tan terrible pecho, y braua saña,
 Que mal podrian biuir los criminosos.
 Que condicion en Reyes tan estraña
 Mostrarse de venganças codiciosos
 El vno en Aragon, otro en castilla,
 El otro en Portugal tiene la silla

25.

El pacto que jurò antiguamente
 Con Lepido y Antonio el grande Augusto,
 hizo Pedro con Pedro injustamente:
 (Quantas cosas permite el cielo justo,)
 Ya Pedro su vengança ve presente,
 Ya se muestra contento, y tiene gusto
 Viendo los dos solos maniatados,
 Delante su presencia arrodillados.

La Iffanta coronada.

26.

Bien creio hermosa Ines que si miraras
La crueldad horrible, y la vengança
De tu sangre derramada, perdonaras
Segun eras benigna, rierna y mansa:
A tu Pedro cruel Neron llamaras
Ni fue la de Neron tan dura lança
Pues aunque quitaron dos mil vidas,
Libraràs bella Ines tus homicidas.

27.

Mandò al punto luego encarcelarlos
Que quiere dilatar la pena y muerte,
En vna torre obscura sin dexarlos
Gozar la luz del Sol, con guardia fuerte:
Con hambre ni con sed quiere matar los
Porque la pena es justo ser de fuerte,
Que diga con la culpa: ya hierro muera
El que a hierro matò quien no deuiera.

Te-

28.

Teniendo el Rey don Pedro a buen seguro
Los verdugos crucles de su dama,
La fue visitar al bosque obscuro,
Adò sospira y lagrimas derrama:
No yua Pedro armado de hierro puro,
Ni vestido de galas que amor trama,
Enlutado pero tan solo y triste
Que nel alma tambien el luto viste.

29.

Afuera mando luego los pastores
Que estauan el sepulcro alli guardando,
Y la piedra que su bien cubre bezando,
La memoria llorò de sus amores:
Con mil quexas llorosas lamentando
El tiempo que passò como de flores,
Debaxo del se abrió la cueua obscura
En ella se seruiò con su tristura.

La Iffanta coronada.

30.

Vn espirito en falso cuerpo, liuiano
Vestido en blanco lienço le aparece
La corona de Enebro trae en mano,
Que al defunto se dà que la merece:
En boz como formada en cuerpo humano
Tan flaco y lastimero que enternece,
Sigueme sin pavor, dize, Rey fuerte
Ni temas que tendras dichosa suerte.

31.

Por la gran concauidad Pedro camina
Debaxo de la piedra fria y dura
Hasta que fuera dar en la campina
De largueza estremada y grande anchura
El funebre Cypres, la nota infina
Circundaua aquel campo sin verdura
Y entte ellos por el ayre scyntillaua
Lo que a luzes maldas femejaua.

No

32.

No yua Pedro en si porque si fuera
Preguntara a su triste compañia
Si a dicha doña Ines de Castro era
Que fuera de su bien dichosa guia
Que no desdize salir el alma fuera
Y estarfe algo en la mundana via
Antes para bien o mal de alguno
Puede ser vn espirito importuno.

33.

Y viendo aquel espirito espantoso
Que Pedro no precura, y està temblando
Le dize en triste boz Rey poderoso
Y mas que quantos tienen sceptro y mado
Este es el campo funebre y reposo
De los cuerpos, que sin almas quedando
Descansan en sepulcros tan hermosos.
Con blasones de sus obras famosos.

Esta-

La Infanta coronada.

34.

Estaua el campo todo en cerco lleno
De platanos laureles, y de enzinas,
La tierra cobijaua el seco feno,
Que en ella no se dan las flores finas:
Tiene cada sepulcro vn terripleno
Sobre que se lleuantan sus cortinas,
De laspe fino, y claro son las campas.
En ellas de los defuntos las estampas.

35.

Al natural estauan esculpidos
Los que sus nombres bien eternizaron,
O fuesse por pyramides subidos;
O sea por los libros que dexaron:
O por echos nel mundo esclarecidos,
O ya porque sus patrias libertaron,
Destos algunos vacuos y seguros
Para varones inclitos futuros.

36.

La campa de Semyramis famosa,
Que edificò los muros que nel mundo,
Fue la cosa mas rara y poderosa
De architecto sublimè sin segundo.
Tambien el que la estatua protentosa
(Colosseo llamada) del profundo
Lleuantò en la mar sobre dos peñas,
Aqui tiene su campa, con sus señas.

37.

Alli estaua el soberbio sepultado
Que inuentò los pyramides de Egypto;
Y la reina, que del marido amado
Mostrò ser el amor quasi infinito:
El Mauscòlo illustre tan nombrado
Por ser asiento al cuerpo sin espirito,
Mandò labrar por multitud de gentes
De finissimas piedras excelentes.

Tam-

La Iffanta coronada.

38

Tambien los cuerpos tristes desdeñosos
Que a Iuppiter y diana edificaron
Aquellos ricos templos tan costosos
Con que nombres de dioses alcançaron.
De laspes, y de porfidos lustrosos
Infinitas columnas lleuantaron,
Con mil labores de oro y plata fina,
Con que la obra hizieron mas deuina.

39.

Alli estaua aquel Rey Egypcio raro
Condicion famoso en real pecho,
Que de comun seruicio puto el Pharo
En el lîmo a Alexandria tan estrecho.
Vn sepalchro pomposo illustre y claro
Estaua junto alli de eterno lecho
De vn Rey que por si solo ha imperado
Lo que de treinta Reyes fue mandado.

Demas

40.

Demas tumulos otros de otra echura
Don Pedro fue leyendo los letreros
Dòvio del gran Homero la figura,
Y Vergilio Poeta en los primeros:
De Terencio mirò la estampadura,
De Horacio, de Ouidio, a los postreros
Estauan referuados sepulturas,
Que biuos alla tiené sus figuras.

41.

Alli reconociò Petrarcha y Tasso
Que nel mundo tendria nóbre eterno,
Ariosto nombrado, y Garcilaso
Amoroso, galano, blando, y tierno.
Boscan y otro Vega que despassò
Poctico, tendria el mas intierno,
Y otros Españoles tan famosos
Como illustres de sangre, y poderosos.

De

La Iffanta coronada.

42.

De nacion Lusitana Camoës raro,
Corte real insigne, y tan famoso,
Con quien no se mostrò Parnato avaro,
Dandole a beuer licor precioso.
El conde sin igual poeta claro
En coplas, y sonetos ingenioso,
El tio Manuel graue prudente,
Y otro Portugal tan excellente.

43.

Alli Bernardes blando, y su hermano
Tienen dos bien labradas sepulturas;
Tambien para vn Bernardo soberano;
Y de dos lobos juntos las figuras:
Alli para vn Andrade Lusitano
Y vn Texera lleno de ternuras
Sepulcros lleuantados parecian
En premio del ingenio que tendrian.

De

44.

De los filias ilustres excelentes,
Los futuros sepulcros venerables,
Ambos condes de delicadas mentes
Famosos por sus versos tan loables:
Alli tumulos tienen eminentes,
Como de hombres raros y admirables,
Vn famoso Coutiño y lobo illustre
Que en verso y prosa es d'España lustre.

45.

Tambien vn Atayde el verso mide
Conde bueno, y en coplas eminente,
Y hijo de otro conde otro Tayde
Poeta ingenioso y excelente.
Y el licor de Parnaso no se impide
Aun Costa, y Camara prudente,
Ni a Mendocça raro, y peligrino
En ingenio, poeta cabalino.

H

Vo

La Iffanta coronada.

46.

Vn Castro allitan bien aparejado
Sepulcro proprio tiene, y merecido:
Vn Pouoas que d'ingenio lleuantado
Tendria nombre claro y conofcido:
Y vn Rolin tambien, vn sublimado
Sepulcro tiene alli apercebido;
Y otros que aunque peze a enbidiosos
Asientos tienen ciertos, y famofos.

47.

En fin quien blandamente de amor ciego
Tratar o celebrar qualquier ventura,
Y de las musas le tocara el fuego
Y la pluma mojar en su agoa pura:
Sea del claro tajo, o del mondego
Tiene aqui su eterna sepultura
Su figura estampada, y el nombre escrito
Que durara nel marmol infinito.

Y luego

48.

Y luego a otra parte se mirauan
Siete tumulos ricos,excelentes
De aquellos que los Griegos táto honrrauã
Llamados en el mundo siete scientes:
Las estampas parece que allı hablauan,
Y que alli tienen sus dueños presentes,
Pitaco,Bias,Cleobo,y el gran Cilon,
Periandro,Thales,y el Rey Solon.

49.

Seguiãse las graues sepulturas
D'aquellos que por Roma en toda suerte
El valor de sus canas limpias puras
Al rigor entregaron de la muerte:
Y entre las mas celebres figuras,
Estaua la de vn moço brauo,y fuerte
Que por vn triste oraculo de engaño
Cometio por la patria vn hecho extraño.

H 2

Entre

La Infanta coronada.

50.

Entre las sepulturas de mugeres
Insignes valerosas, y estremadas
Estaua Iuno, Palas, Venus, Ceres
Y las nueue Sibilas celebradas:
Dixo el espirito a Pedro si ver quieres
Tu bella Ines (o Rey) son sus moradas
Estes valles, y graue sepultura
Insigne por amor, por hermosura.

51.

Pensando Pedro que tocar pudiera
A su Ines le fue cosa imposible
Porque de presto alli se deshiziera
Aquello sin quedar cosa visible.
O encanto fantastico si fuera
(Dixo) por dulce bien cosa posible
Seguir tu sembra vana, y temerosa
Yo fuera acompañado Ines hermosa.

Esto

52.

Esto dicho se vio nel verdadero
Valle, de todo ya defassombrado,
Sepulcro de su Castro lastimero,
A do solo estuuiera arrodillado:
De allise parte a prissa brauo y fiero,
Y tanto que a palacio llega, airado
Que salgan, manda luego los culpados,
Y seren a su gusto justiciados.

53.

Ya suena triste trompa penitente,
Que suspende los animos humanos:
La tropa es infinita con la gente
De la ciudad, pueblos comarcanos:
Delante lleuan Christo en cruz pendiente,
A sus pies los culpados con las manos
Atadas reziamente, yuan llorando
Perdon de sus pecados supplicando.

H3

Ara-

La Iffanta coronada.

54

A ratos vn pregon triste sonaua,
(Cõforme al q̃ inuentò el magno Augusto)
Diziendo, que don Pedro Rey mandaua
Por exemplar castigo recto, y justo:
Y de aquellos culpados se vengaua,
Porque fueron ladrones de su gusto,
Rompiendo a cada qual cõ hierro el pecho
Sacando el coraçon por satisfecho.

55.

Es propria del que es Rey y tiene mando,
Clemencia(aduirte Rey) para culpados,
El ceptro mas se ilustra perdonando,
Que no bañado en sangre de cuitados:
Vn Rey en su sepulchro echò por bando,
Aqui jazc quien tuuo sus reinados,
Y nunca se vengò ya de persona,
Que no dize vengança con corona.

Quando

56

Quando Christo en la cruz clauado estaua
 Con corona de rey deuino y fuerte,
 En boz al padre eterno supplicaua,
 Perdone los culpados en su muerte:
 No quiere la vengança pues reinaua,
 (Que reino en piedad tiene la suerte)
 Y quien con crueldad lo contramina,
 No sigue de su Christo la doctrina.

57.

En la silla real de marfil puro,
 Con insignias reales que se viste,
 Sentado estaua Pedro brauo y duro,
 Quando los dos llegaron qual mas triste:
 Gonçalues que temió el mal futuro,
 Es el primer en quien la adaga embiste
 El ve dugo cruel, y caye hablando
 Con don Pedro que sordo està escuchando.

La Infanta coronada.

58.

Veras(dize) vn coraçon ò Rey cruel
Que de tu padre Alfonso era el thesoro,
Mucho mas que leon fuerte, y mas fiel
Que de ginete Hispano y brauo toro:
Quisiera dezir mas, y hablar con el,
Pero con saña fiera, sin decoro
Del pecho el coraçon le arrancan fuera,
Diziendo, quien matò es bien que muera.

59.

Tendido el cuerpo muerto en tierra luego,
En poluo, y propria sangre rebolçado,
Nel otro se executa el mismo juego
Herido el coraçon por el costado.
Quemarlos manda al fin en biuofuego,
Y fuera dellos fuego el mismo ayrado
Que fuego d'amor torpe con tal modo,
Pudiera al fuego de Elena abra far todo.

Sin

60.

Sin bida ya los dos nobles barones,
Sus cuerpos en ceniza esmaronados,
Desechos ya los muertos coraçones,
Los agrauios d'Ines harto vengados:
Por la ciudad famosa los rincones
Llenos de pareceres encontrados,
Iusticia fue al gusto del Rey solo
Iuzgado por cruel de polo apolo.

61.

Coronar la muerta Reyna detrimina,
(Reyna pues le reynò el alma y vida)
O fuesse intento justo, o cosa indigna
La voluntad de Pedro fue cumplida:
En parte se consiente, otra amotina,
Està la corte en partes diuidida;
Porque es muy dura cosa a la persona
Que nunca Reyna fue darle corona.

La Iffanta coronada.

62.

Mandò que en Alcobaça con grandeza
Se labrasse vn sepulcro soberano
De tan rara labor que la destreza
Sublima el Architecto de su mano:
Echo de blancas piedras que en fineza
Y guales no las ay en monte y llano,
Que aunque mas pequeño, excede a todos
Que Egypcios labraron de mil modos.

63.

Mandole el Rey labrar vna figura
(Porretrato, de Ines mas dura y fria)
En ella el sabio artifice se apura
Con todo quanto supo y entendia
Asentada en la misma sepultura
La mando poner alli porque querria
Darle ya la corona por testigo
Que no menos de Reyna es el jazigo.

Por

64.



Por mas pompa se dexa la corona
 Para vn dia que fuere señalado,
 Y por todos sus Reynos se apregona
 Y en sus plaças edito aplegado:
 Y vn bando se publica por Lisboa
 Que todos los que ouuieren a portado
 En su playa y ribera se aluergaren
 Serà gusto del Rey se alla se hallaren.

65.

Mandò luego aprestar lo necessario
 Para se tresladar la sepultura
 No oye lo que dize el pueblo vario
 Que siempre en estos casos se murmura:
 Y con gran aparato extraordinario
 El cuerpo ya sin gracia ni hermosura
 se passò al conuento de Alcobaça
 Y os dire lo que en el camino passa.
Fin del quarto canto.

Canto



CANTO QVINTO

Tratase la trasladacion celebre que el Rey don Pedro hizo del cuerpo de doña Ines a la real sepultura de Alcobaca: y descriuense con estilo poetico la gruta y efectos de la embidia.

1.

OY quedara borrada la memoria
De qualquier embidioso que dixere
Que passada esta vida transitoria
Necio sera quien amistad espere.
Que el exemplo desta rara historia
Mientras vn siglo, y otro siglo huuiere
Que suba mas que el empinado cedro
Hara la fama de Ines y amor de Pedro.

Que

2.

Que galardon esperas Rey y señor
El cuerpo esta difuncto Ines sin vida
Y si es muerta la causa de tu amor
porque passa el effeçto tu medida.
Que aguarda dime Pedro, el amador
Se tiene la esperança ya perdida
Parece ya tu amor, mas desatino
Que effeçto para vn pecho real digno:

3.

Mira que la madexa que al mismo oro
Descoloraua, esta sin precio alguno
Lo que de la natura era thesoro,
Perdido el lustre sin valor ninguno.
Los blancos dientes que formauan choro,
Consumidos y apenas solo vno:
Los bellos labios de color mudados
Ojos (ciclos vn tiempo) ya nublados.

La Infanta coronada.

4.

Mas hay que quando amor reyna de veras
Nel pecho sube mas, si es generoso
Bien creo buen don Pedro, si morieras
Te hiziera Ines vn tumulto famoso.

Mas muriera, si tu mas no viuieras
Que tanto estaua en ti (su amado esposo)
Que en te saliendo el alma aliento y vida
La fuya con la tuya fuera vnida.

5.

Por esso aunque fue extremo al mundo
Lo que haze Pedro, razon es que mas haga
Porque el amor de Ines fue sin segundo
Y al extremo el extremo satisfaga.

Si muestra en su pecho amor profundo
En el de Ines mortal aun no se apaga
Y si a sus verdugos muerte diste
Cruel eres, por ella no te hiziste.

Ya

6.

Ya su felicidad Pedro condena
Para se trasladar el cuerpo amado
Cada hora se dobla mas su pena
Quanto lo vee estar menos honrado.
Y por artifice primo luego ordena
De perlas guarnecido y debrocado,
Vn monumento y tumulo pequeño
De oro los clauos, y de cedro el leño.

7.

Y que tambien hiziesse vna litera
De rica tela negra guarnecida,
Blazon de Castro, timbre vna cauera,
De tella variable entre texida:
Estaua la parca alli con su tixera
Sacando con crueldad la dulce vida
A vna dama hermosa embidiaua,
Dezia la letra fue por ser amada.

La Infanta coronada.

8.

Por ser amada se causo la muerte,
Por ser amada Pedro le dà vida,
Por ser amada le faltò la fuerte,
Por ser amada es engrandecida.
Por ser amada fue le el tiempo fuerte,
Por ser amada es tambien seruida,
Por ser amada Ines se perseguiò
Por ser amada Ine tanto se honrrò

9.

Y como Pedro qual el fuego ardia
Sin se mitiguar su ardiente llama
Mandò que sus vassallos aquel dia
Todos acompañassen la real dama.
Desde mondego y su ribera fria
A Alcobaça que el santo Abbad affama
Y con funcbres achas en las manos
Del camino poblassen montes, llanos.

10.

No tiene el cielo oétauo mas estrellas
 Que luzes en la tierra el Rey enciende,
 Ni el quarto elemento mas scentellas
 En quanto su Sphera alta comprehende:
 De grosísimas hachas, y muy bellas
 El camino larguísimo se tiende,
 Y conforme a sus grados y honores
 Detras los grandes van de los menores.

II.

Siguen el acto noble cortezanos
 Titulos, y señores caualleros,
 Quiça la adulacion respectos vanos
 Añadio mas de vn par de compañeros:
 Que valen mas que los seruicios llanos
 En la corte los puntos lisonjeros
 Vna rita frígida vna malicia
 Que todo el fundamento de justicia.

La Iffanta coronada.

12

La lengua, en estos tiempos lisonjera
Al gusto del que puede aficionada,
Vemos lleva el premio y delantera,
Que se deue a la malla, lança, y espada:
Por esto vay de grandes la carrera
Y de plebeyos mil lleva la espada,
Vnos la adulacion lleva y contesta,
Los otros van allí por ver la fiesta.

13.

Algunos quieren mas que el Rey les vea,
(Teniendose por paga el ser mirado)
Y note la postura, y la librea
Tan apuntó del acto celebrado:
En otros lo que allí mas les menea
Siendo vistos del Rey quedar prendado
A darles largos dones y mercedes,
Que para las pescar echan sus redes:

No

14.

No solo los vassallos naturales
Se aprestan a seruir en la jornada,
De estrangeros tambien occidentales,
Sera la pompa Regia acompañada.
A esto obliga vn Rey que con iguales
Entrañas de afficion les dà entrada
En su reyno con paz sin obligarles,
Porque sirven entonces sin mandarles:

15.

Por tanto ya los Gallos, y Holandezes,
Hungaros, Alemanes, Italianos,
Ingleses, Dinamarcos, Escorcefes,
Flamencos, Irlandeses, Transiluanos:
Boemios, Biscaynos, y Leoneses,
Los de Aragon, y brauos Castellanos,
Y de todos los reynos que en España
Buen, y otra gente mas es traña.

La Iffante coronada.

16.

De Lisboa parten todos, y se ofrecen
Al Rey que se les muestra muy contento
Mirando que a su gusto le obedecen
Las gentes forasteras ciento a ciento:
Todos aunque estraños se enternecen
Y la vista de vn amor de tanto asiento
Y de tan nueuo exéplo en todo el mundo
Que no tendrá jamas otro segundo.

17.

Del Mondego tambien los moradores
Que de su ribera tienen la beuida
Dexando los ganados, y labores
Los valles y el Aldea mas querida
Con funebre Cypres embuelto em flores
Vienen a compañar a su medida
Al Rey, y la defunta que su prado
Tanto tiempo llorò de lastimado.

Con

18.

Con el cuerpo se parten recta via
 Al punto que en la mar el sol se encierra,
 Que de nubes el cielo se vestia
 Pues quedò por Ines triste la tierra:
 Caminando la triste compaña
 Ya que llegaua al pie de vna alta cierra
 Salio de vna gruta tosca y obscura
 Vna espantable, y palida figura.

19.

Al enlutado secreto llegando
 Detuuu la litera con las manos
 Y con ella la cueua fue entrando
 Seguiendola los tristes cortesanos.
 Tanto fue el espanto en ella hablando
 Que puesta la acompañan Lusitanos
 Con vn silencio mustio la seguieron
 Y sin saber porque la obedecieron:

La Infanta coronada.

20.

Quando así temerosos la figura
Los vido, hablo diciendo: embidia soy,
Y pues la causa fuy de la tristura
Es justo muerta venga adonde estoy:
Que en quanto a las hermosas vida dura
No quiero su visita, pues que voy
Tramarles dura muerte, y las persigo
Mostrandome a su ser crudo enemigo.

21.

Y porque no penseis ser cosa nueva
Dar yo la muerte a doña Ines de Castro,
Aqui vereis exemplos nesta cueua
Bien labrados en porfido, y alabastro
En que sea yo la causa bien se prueua
De muertes sin ventura y peor astro
Y veis aqui Caton que tomo muerte
Por no sufrir a Cesar buena suerte.

Veis

22.

Veis aqui el miserrimo Adriano
 De su fortuna misera quexoso
 Embidiando las glorias de Trajano
 Emperador y capitan famoso.
 Zoylo que a Homero soberano
 Mil versos le notò como embidioso.
 Diciendole palabras afrentosas,
 Que dauan claras muestras de embidiosas.

23

Salustio y Ciceron tan preminentes
 Por la eloquencia siempre competieron
 Embidiando sus dichos excelentes,
 Que muchos d'otros hombres excedieron:
 Cayo Caligula Esio diferentes
 Pompeio, y Cesar, que ambos florecieron
 Adò pudo la embidia triste tanto.
 Que puso a todo el mundo en triste llanto.

La Iffanta coronada.

24.

Es Musio este que llaman embidioso
A quien el bien ageno ansi dolia,
Que triste andaua luego, y cuydadoso
Con ancias que nel alma padecia:
Andaua por las calles sin reposo
Significando el duelo que sentia
Royendo bienes, lleuantando males,
Quanto ay en la corte destos tales!

25.

Quantos lugares tengo aqui guardados
Para algunos que biuen oy nel mundo
Pues biuen consumidos con cuidados
En este largo pielago profundo:
Los coraçones traen trespasados;
O como aquel Protheo sin segundo
Que vna Aguila infernal le està royendo
El coraçon en quanto està biuiendo.

O cm-

26.

O embidia cruel, y traydora
De todo quanto el mundo tiene bueno,
No para mejorarlo de hora en hora,
Sino para apocarlo siendo ageno:
La palida color engañadora
Los ojos scintellando como trueno
Significan ser en ti (embidia) igual
El dolor del bien ageno, y proprio mal.

27

De los males terribles que padeces
La consolacion tienes bien hazida
Que el dolor, a que tu misma te offresces,
Es el mismo verdugo de tu vida:
A tu sociego y paz siempre aborreces,
De tu proprio biuir es homicida,
Que pensando hazer daño al embidiado
Ati hazes el mal, con mal doblado.

O tri

La Iffanta coronada.

28.

O tristes y miserrimos nacidos
Vuestro morir no es sino moriendo,
Quan incurablemente andais haridos
Ellociego, la paz, y honor perdiendo:
Que turbados traeis vuestros sentidos
En cuerpo, y en spiritu padesciendo,
Si la esperança vuestra es luna llena
No veis que por el gusto aquistais pena?

29.

Otro peccado aurà que tenga gusto
Sola embidia de todo bien carece,
Es mal irremediable, y trato injusto
Que con la edad se abiua enciède, y crece.
Mal inhumano inutil, fuera justo
Poneros qual la pena se merece;
De quantas injusticias causadora
De ingenios, y virtudes vexadora.

Su

30.

Su platica la embidia prosiguiendo
Dixo, aun Ines no estoy cansada
De perseguirte, y siempre te siguiendo
Mostrarete mi faz sañuda airada:
Si Pedro te corona, yo pretiendo
Quitarte la deuifa tan honrada
Por manos d'lgun Rey sublime y justo
Que offendiendote ati me deè mas gusto.

31

Esta celebre pompa, y tan costosa
Que Pedro te inuentò por mas honrarte
Haze mi saña fiera tan rabiosa
Que en fuego biuo estoy por abrafarte:
La fama de tu gala tan hermosa,
El empleo del mundo en alabarte
Embidiandolo hare todo ceniza
En oluido sepultada sin deuifa.

O em-

La Infanta coronada.

32

O embidia cruel dime es posible
Que no te satisfagas con la vida
Quitada a la belleza acà visible
De Ines siempre de ti tan perseguida:
Dura, infame, cruel, loca, terrible,
No basta estar la carne consumida
En la tierra corrupta, hecha gusa nos
Para escaparse libre de tus manos?

33

Alli luego sacò la embidia obscura
De su alazena triste que de hierro
La puerta tiene muy pesada y dura
Un retrato de Ines libre de yerro:
De artificio labrado en escultura
Diziendo, en esta casa triste encierro
Los futuros retratos cuyo objeto
Ami ponçoña fiera està sujeto.

Era

34.

Era de bronze el inclyto retrato
De oro puro cabellos boca y ojos
De la casa tristissima el ornato
Y deste grande Rey dulces despojos:
Alli estaua pintado el pueblo ingrato
Cansa de tantas lastimas y de enojos,
Y el puñal con que fue Ines herida
Que abrio para salir mas de vna vida.

35.

Otros muchos retratos fue mostrando
De Reyes, capitanes, y señores,
Qual mundo fue de espacio lleuantando
Y ella los deshizo con traydores.
De damas mil hermosas fue sacando
De buxos de inuencion con sus amores,
Y todas nel mejor experimentaron
Ponçoña de que no se cautelaron.

Despe.

La Iffanta coronada.

36.

Despediolos embidia de su plaça,
No queda que tambien và caminando;
Al hombre se lleuaua vna gran matta
De fuego, mil scentellas scentellando.
Sèca las hieruas donde piza y passa,
Las fuentes y los rios va secando
Su palidès de fuera pardo viste,
Color es de ceniza en todo triste.

37.

Y se dentro en la cueua era visible
Anda por fuera siempre rebocada
Tratando con los hombres apazible
Traydora peruerfa y buena en nada:
Aunque adonde và este terrible
Animal luego muestra su pizada
Pues claramente era si dà la sospecha
De do dispara el arco, y dà la flecha.

De

38.

Debaxo de amistad andan cubiertos
Embidiosos mil tan fementidos
Que mostrando tener sus gustos ciertos
Con los bienes de amigos mas queridos
El alma y coraçon traen despiertos
Con el dolor de verles tan crecidos
Echando la ponçoña muchas vezes
Embuelta con palabras bien corteses.

39.

Atonitos confusos recelosos
Salieron todos de la obfcura cueua,
Vnos dauan sospiros dolorosos
Espantanse otros ver cosa tan nueua?
Temblan, y callan todos temerosos
Sin tiento van la via que los lleua,
Que vn accidente grande que succede
Sino mata, muy poco menos puede.

Como

La Iffanta coronada.

40.

Como se fueratal no anduuiera
En la corte muy mas que en despoblados;
Y en palacio no se conociera
Entre los cortefanos, y priuados.
O en los tribunales no se viera
Y con Reyes en sus mismos estrados
Pues hasta a là del cielo alto y superno
Hechò tantos spiritos nel infierno.

41.

Aurora este Em ispherio esclarecia
Y tras ella apuntauan diligentes
Los cauillos trayendo luz al dia
Contento mas cabal entre las gentes.
Con sus rayos las cumbres ya heria
Ei mancebo de nombres diferentes
Leuantarfe a pastar los animales
Y dexan los ganados sus corrales.

La

42.

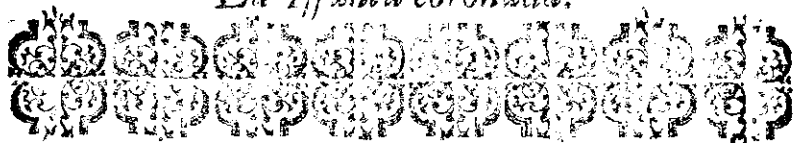
La campaña toda junta y concertada
Auiendo al sitio celebre llegado
Fue Ines luego al punto sepultada
En el sepulchro ricamente obrado:
Donde despues por Pedro coronada
Sera en otro dia señalado,
Que aunque la embidia la persiga
Mas ama Pedro, que ella es enemiga.



Fin del canto quinto.

CANTO

K



CANTO SEXTO

Cuentase como el Rey don Pedro coronó a doña Ines de Castro en la sepultura por Reyna de Portugal. Tratanse algunas ficciones poeticas para ornato de la coronacion tan celebre. Y relatanse platicas que los siete planetas hizieron en toor de los cielos que habitan y efectos que en la tierra producen.

I.

O Ciego amor profano, y es posible
Te pintan niño flaco en pobre estremo
Siendo en toda maldad viejo terrible,
En tyrano cruel, qual Poliphemo.
Vengança fuera tanto, y tan horrible
Y coronacion tal, que culpar temo,
Tu la hiziste amor con tus amores,
Que son defetos graues en señores.

Di-

2.

Diferente (Rey Pedro) diſte el pago
 A tu Ines que tanto honrrar deſleas
 Del que dio a la Reyna de Carthago
 Aquel troyano ingrato, y duro *Æneas*.
 Rompiendo en ſu naue el ancho lago
 Dexò la paz y fueſſe a las peleas,
 Dando la ocaſion quedido luego
 Lleuada del dolor ſe echafe en fuego.

3.

Aprended deſte amor tibios amantes
 Miraos neſte eſpejo claro, y puro,
 Tendreis licion d'vn Rey en ſer conſtantes
 Moſtrando el coraçon ſiempre ſeguro.
 En eſte amor tendreis fuerças pujantes,
 Y contra la fortuna vn pecho duro,
 Mas en amar blando dulce y grato
 Sin nunca en coſa alguna ſer ingrato:

La Infanta coronada.

4.

Hallareis en amor varias hazañas
Que seruiran de exemplos y camino,
Mas no lo empleis, no porque lo dañás,
En fragil rostro bello femenino:
Aspira otras cosas mas estrañas,
Ama lo immortal, y lo diuino,
Emplea el coraçon en Dios tan puro,
El pago sin desden tendras seguro.

5.

El fructo amargo mira, que en la tierra
Produz amor profano, y los engaños
De que gusta el amante, y biue en guerra
Quien gasta en tal seruicio tantos años:
Mil trances de dolor consigo en sierra
Amar muger, al fin los desengaños,
Que todos en amor experimentamos,
Nos muestran claro quan errados vamos.

Lle-

6.

Llegado el esperado y claro día
De la coronacion de Ines hermosa,
vna rara y gallarda compañia
De gente nunca vista y prodigiosa.
Del son de tus viguelas se sentia
Dulce armonia alegre, y deleytosa;
Al Rey en orden tal se presentaua
De la misma sin falta en que llegaua.

7.

De candido marfil carros triumphantes
Guarnecidos de aquel metal precioso
Por el qual se auenturan nauegantes,
Y dexan los mortales su reposo:
Esmaltados de piedras rutilantes
Carbuncolo no falta luminoso
Ni purpureo rubi, diamante duro,
Los labores de aljofar claro y puro.

La Infantá coronada.

8.

Son infinitos carros los presentes
Cubiertos de riquísimos teleros,
Algunos son llevados de serpientes
Otros lleuan leones, otros toros.
Elephantes a otros con sus dientes
Tirando van yguales en sus choros
Pantheras brauos, tygres fieros
Camelos y caualllos muy ligeros.

9.

Iupiter en su carro tan potente
Con su sceptro, corona, y rico sayo
Dios falso de la vana y ciega gente:
En su carro Vulcano forja vn rayo:
El humido Neptuno contridente,
Y la diosa que dio el nombre a Mayo:
Palas, Iuno, Diana, tambien Ceres,
En sus coches con galas de mugeres.

Si-

Io.

Siguianse los mas profanos dioses
Y diosas de poder solo en ficciones,
Por los sotiles ayres fuenan bozes
Que mueuan los humanos coraçones.
Leones tygres brauos y feroçes
Concordes van, y mansos los dragones,
Como quando Orpheo alla tañia
Que brutos, peces, aues detenia.

II.

Ya Pedro alegremente caminaua
Con todos estos dioses necios vanos,
Y como Rey precede que triumphaua,
De Saturnos, de Martes, de Vulcanos:
El profano Cupido que bolaua
En carro que le tiran los profanos,
Que todos en amor tal se emplearon
Con que del diuino se alexaron.

La Iffanta coronada.

12.

Alli vn Marco Antonio Emperador
Y Tarquino Romanos excelentes,
Entre ellos và vencido del amor
El Lusitano Rey de fuertes gentes:
Es sin precio (de mucho) la labor,
De las piedras del coche reluzientes,
Los remates mas altos, y quartones,
Sembrados de rendidos coraçones.

13.

Porque de obras de amor era este dia,
Amor la bella Castro coronaua,
La corona real de oro traya
El niño en la cinta arco y aljaua.
Con piedras de valor resplandecia
La corona en que el sol reuerberaua,
Que doblando sus rayos rutilantes,
Dos vezes alumbraua los triumphantcs.

Los

14.

Los pajes que traya el dios Cupido
Encima de su machina espantosa
Eran los hijos tres con que el sentido
se ablanda de la muerte rigurosa.
Venus porque este Rey huuo tenido
Amor profano y torpe, y ella diosa
De los tales, se viene en compañía
De vn amor a quien tanto amor tenia.

15.

Afentado va nel rico Churrion
Con denisa que bien le pertenece,
No lleva la de Iuno del pauon,
Ni la de Ceres rica se le ofrece:
Ni de Pallas lleuaua el murrion,
Que la diosa de amor guerra aborrece,
Vna Anade lleuaua, y nel cabello
La flor que coronò Adonis bello.

La Infanta coronada.

16.

El dia tan hermoso y cabal era
Del mes de Abril, que el campo florecia
Segundo de la dulce primavera
Templado sin calor, todo alegria.
Con dulce agua, y clara la ribera
Por todo el campo llano se estendia,
Produziendo aqui rosas alli flores
Hermosa vista en ojos de amadores.

17.

Las varias aues de vna y otra parte
Saludan al amor pues de amor cantan,
Iupiter, Mercurio, y el brauo Marte
De las terrenas musicas se espantan.
A esta natural responde el arte
Que juntas tales dos muy bien discantan,
De uerte que parece las estrellas
Se baxan por oyllas y por vellas.

Los

18.

Los arboles con blandos mouimientos,
El lauro verde tanto y fuerte palma
Hazen al niño amor sus parlamientos
Con lenguas mudas, pues no tienen alma.
Sus bellos ramos sueltan, y contentos
Pretenden empedir la rezia calma,
Que puesto que de Abril, en amadores
Qualquiera otro calor caufa, dolores.

.19

Ansi camina amor vendado y ciego
Al celebre lugar dõ Pedro ordena
Hazer a su amor dulce fõsiego
Sintiendo ausencia solo en graue pena:
Partieron del caudal rio Mondego
Camino donde corre el Lis, y Lena,
Quando nel alto punto Apolo claro
De su luz se mostraua poco auaro.

Llega

Iffante coronada.

20.

Llegaron al lugar triste y funesto
Aquella alegre y celebre compañia,
Ala puerta los monges llegan presto
Por ver la multitud tan rara, estraña:
Aquel carro de amor, y los del resto,
De labor nunca visto en nuestra España,
Y toda la estrangera bizzarria
Que vinieron honrrar tan graue dia

21.

Fuera del templo sancto se pararon
Por no le profanaren que es diuino,
El campo con sus carros circundaron
Haziendo vn muro dellos cristalino.
Lostoros y serpentes se soltaron,
Leones, Elephantes, con Ferino
Impito cada qual se combatia,
Por ser mayor la fiesta y la alegria.

El

22.

El brauo leon fiero, y toro fuerte
Pelean con estraña fiereza.
Amenaza con las guerras dura muerte,
El toro con los cuernos y braueza.
La serpiente enlaçada de tal suerte
Perfigue el elephante, que grandeza
No valiendo contra ella, caye en tierra
Haziendo mas estrondo que vna cierra.

23.

Aquestos espectaculos famosos,
Yguales nunca fueron entre humanos,
Mirando estan los dioses fabulosos
Premiando los que vencen con sus manos.
Acabados los juegos espantosos,
De que vn tiempo vlaron los Romanos,
Lleuantose Mercurio el eloquente,
Y dixo a Pedro ansi seueramente.

La Iffanta coronada.

24.

La noche ya señor vemos vizina
Estas diosas, que ves y diosas bellas
Habitan en la Sphera cristalina
Y dan sus nombres solo a las estrellas.
Auer podrá nel mundo gran ruina
Si quedaremos aca nos, y mas ellas,
No siendo justo entrar en templo santo,
Nos vamos dar la luz al negro manto.

25.

Y antes que de tal vista te ausentes
Pues que eres tan señor acà nel suelo
Iupiter, con los mas dioses presentes
Que baxaron por ti del claro cielo,
Te quieren dar liciones excelentes
Por dares en saber mas alto buelo,
De todo lo que ves en breue suma
Antes que el bello dia se consuma.

Hi;

26.

Hizo Ioue señal para Diana
Y empeçò de hablar hermosa y pura
Diziendo ilustre Rey de Lusitana
Yo soy la mobil luna mal segura.
Sobre toda humedad soy soberana
Y Reyna vniuersal de la verdura
Por mi se mueue el mar brama y sospira
Aunque sin el sol es gran mentira.

27.

Mingo y cresco por el fin inconueniente
Que es vida vniuersal su luz dorada,
Ni ser ya mas podria tan potente
Pues esta luz que tengo es luz prestada:
Quando llena me vè la humana gente
No es mi conjuncion grande llegada
Bien claro luego està por este efecto,
Que quando llena estoy tengo defecto:

Y no

La Iſſanta coronada.

28.

Y no te espantes Pedro de contarte
Defectos, y baxezas de mi vida,
En cielo tierra, y otra qualquier parte,
Me moſtrare al ſol agradecida:
Que no ſoy tan ſoberuia como Marte
Ni por muger del bien delconoscida,
Y ſe he confesſado mi baxeza
Te quiero hora dezir de mi grandeza.

29.

Mi ſilla pueſta eſtà nel primer cielo
Alli rebueluo machiua eſpantofa,
Andando ſiẽpre apunto alumbro el ſuelo
mendiguando nel ſol la luz hermoſa
Mirando eſtoy la tierra ſin el velo
De cielo que me impida, y ſoy famoſa,
Preſidente del ſol en noche eteua,
Aunque diferente en mi figura.

Las

30

Las hieruas, aguas, peces, hombres, brutos,
 Aumento, aclaro, alegre, mueuo, y pasto,
 Los campos de verano quando en xutos
 Con aljofir llorando los abasto:
 Todos conossén ya mis estatutos,
 solo no las mareas del mar vasto,
 Pero de tanto bien por pago extraño
 La sombra de la tierra me haze daño.

31

Y se el sol me presta el rayo suyo
 Le siruo en su auzencia acustumbrada
 Y puesto que corrompo, y que destruyo,
 Por mi la tierra esfertil, sazónada.
 La fruta, y en las perlas algo influyo:
 A los arboles doi fuerça doblada
 Las mas virtudes mias son sabidas
 De todos aqual mas engrandecidas.

L

La

La Iffanta coronada.

32.

La diosa se sentò, luego el verboso
Mercurio, que el segundo cielo habita,
Lleuantandose dixo, Rey famoso
Es mi virtud pujante y exquesita:
En influencias rato y poderoso
Mathematica cierta, y mas perita
Nel mundo là enseñè por largos años.
Saquè hombres philosofos estraños.

33.

No solo me compite la sciencia
De la philosophia prouechosa,
Maestro soy tambien de la eloquencia
Ilustre, necessaria, grandiosa:
Exprimentò Grecia my influencia
Y Marco Tulio en Roma la famosa
Azogue es mi metal bulicioso
Retrato de hombre agudo ingenioso.

Em-

34.

Empeço Marte luego hablar sañudo
 (Arte d' hombre soberuio y arrogante)
 Con lança fuerte en mano, y fuerte escudo,
 Que de verlo no ay quien no se espante:
Diziendo Marte soy tan fiero y crudo,
 Que nel tercero cielo estoy triumphante
 Enfluyendo con braueza eternamente
 Discordia, saña, guerra entre la gente.

35.

Soy quien persigue al moro fiero infano,
 Y doy impeto fuerte a los Franceses,
 Por mi reyna en la tierra el brauo Hispano,
 Por mi lamar campeon Portugeses:
Por mi sube a cauallo el Africano,
 Rebeldes son por mi los Olandeses,
 Espero inuentar arma de fuego,
 Y la guerra de a hora sera à juego.

L 2

Muy

La infantá coronada.

36.

Muy poco ya valdran los fuertes pechos,
Ni las fuerças famozas, y eframadas
Los caños de metal, y hierro estrechos
Con balas venceran las cuchilladas:
Las machinas de fuego, y sus petrechos
Seran por vn Tudesco imaginadas
Por mal de todo el mundo lastimero:
El hierro es mi metal y puro azero.

37.

Luego el dorado Apolo y excelente
Hablò del carro, que cauallos tiran
Es mi planta, dixo reluziente
La vida por quien todos mas suspiran:
A todas cosas foy conueniente,
Todas ellas por mi contino aspiran,
A la vida comun foy necessario,
Y ojo foy del cielo, y relicario.

Nel

38

Nel quarto cielo tengo la morada
 Me dio de nuestra sphaera tan famosa
 Mi luz haze a la tierra ser preciada,
 La machina del cielo mas hermosa.
 La cosa mas querida, y sublimada
 Es la luz de mis rayos deleytosa
 Con ella doy aliuio y hago dia
 Dando lustre a la gente, y bezarria.



39.

Por mi los campos son de flores llenos,
 Que la vista deleytan, que los mira
 Los bosques yo los visito y hago amenos,
 Y el cristal tambien por mi tospira.
 Los hombres de mas cuenta, y los de menos
 El que versos compone o toca Lyra
 Dependien en su ser de mi influencia
 Llanaronme tambien dios de sciencia.

L 3

Soy

La Iffanta coronada.

40.

Soy aquel que Diogenes sentado
En la plaça de Athenas tan famosa,
Siendo por Alexandro preguntado
Se querria le desse alguna cosa,
Respondio, se quitase de su lado
Que le impide de mi la luz hermosa,
Doçe prueua muy bien que la estimaua
Muy mas do que Alexandro magno daua.

41.

El jacinto engendro tan precioso
Y del humano ser tan grande amigo,
Que dizen haze al hombre mas forçoso
Y sin temor trayendolo consigo.
Haze lo ser tambien ingenioso,
Para contra ponçoña es dulce abrigo,
Defiende los ayres mas corruptos
Los cuerpos de humidades siẽpre enxutos.

Tam-

42

Tambien criò el lustroso diámante
De valor y virtud supremo y claro,
Pesados sueños quita de delante,
Contra miedo y pavor remedio raro:
Es contra todo mal muy importante,
Criar los que son finos soy auaro
Y aunque veais muchos nel hombre
Solo de dia mantes tienen nombre.

43.

La esmeralda influio verde obscura
Para cosas sin cuento prouechosas,
Genoua tiene vn plato della pura,
Que vale vna ciudad rica y famosa.
En que el diuino Autor de la natura,
Hijo de aquella Virgen gloriosa
Metiò la mano (dicen) sacrosancta,
Que el valor del plato amas lleuanta.

L 4

Con

Iffante coronada.

44.

Con mis rayos tambien formo el Safiro;
El rubi gracioso y colorado,
Algunos crio tales con que admiro
A todos los poderes de alto estado.
Tan fuerte con mis rayos hago el tiro
Que crio nel carbuncolo preciado
La piedra que por el mismo se llama,
Cuya virtud es tal como su flama.

45.

Otras mil piedras raras y excelentes
Con mis tumolos rayos rutilantes
Famosos en virtud entre las gentes
Aunque sin el precio de diamantes.
Nel Indo y Ganges son muchas presentes,
Que son alla los rayos mas pujantes,
El oro por metal tengo tomado
Que por ser metal mio es tan buscado

Iupiter

46.

Jupiter dixo, soy del cielo quinto
 Mis influencias son siempre reales,
 Pacifico a los Reynos y distincto
 En sus terminos soy por mas cabales.
 No hablo que es de graue ser succinto,
 Pues todos los demas no son yguales
 Con mi virtud sublime y ser extraño,
 Aunque es mi metal flamenco estaño.

47

Alli Venus hablò que el sexto cielo
 Habita clara hermosa, y radiante,
 Y dixo amor influio en todo el suelo
 Y tu bien me conoces Rey constante.
 Por hijo tengo a queste que de buelo
 Executa su tiro penetrante
 Soy madre de las galas y de afeytes,
 Y señora tambien de los deleytes.

La Infanta coronada.

48

Cubriendo los marfiles de sus dientes
(Despues que dixo cobre es mi metal)
Enamoro su boz a los oyentes,
Y Iupiter tomolo afsas bien mal.
Y murmurando està de aquellas gentes
Con los pies batiendo el carro de cristal,
Y si vn hombre acà es furioso
Con zelos, que ferà vn dios zeloso?

49.

Saturno dixo el septimo habitaua
Y Siendo dichas tantas excelencias
Ninguno por dizirsele que daua,
Sino de sus peruerfas influencias.
La tierra fria y seca dominaua
Influyendo trabajos y dolencias,
Los dioses tambien de mar y tierra
Dixeron lo que su poder ensierra.

Los

50.

Los fantásticos dioses necios vanos
Sus pláticas succintas acabaron,
Tomò el amor luego con sus manos
Corona de que tantos murmuraron:
Famoso Pedro Rey de Lusitanos,
Le dize, y los demas luego ajudaron,
Tu mismo a tu Ines dà la corona
Que no se la darà otra persona.

51.

Supitamente luego la compañía
Fantástica sin ser se fue bolando,
Desecha la belleza con que engaña
Como sueño ligero despertando.
Los nombres desta gente tan estraña
En los siete planetas van durando
Sus almas el obscuro infierno encierra
Y los cuerpos comiò la madre tierra.

Aten

La Isfanta coronada.

52.

Atento Pedro sin tener espanto
estuuu con temblante de alegria
Con su corte le entrò nel templo sancto
Bizarro nel aspecto y gallardia.
La corona que diò en hablar tanto
En sus reales manos la traya,
El la puso en la graue sepultura
Sobre las sienes de la statua dura.

53.

Antes que en la cabeça se asentasse
La corona de mil rubies finos
Dixo Pedro, si en mil reynos reynasse
Debaxo de los cielos cristalinos
Mil coronaste diera, aunque hablasse
El mundo, y sus emulos malignos,
Que mas es reynar de vn Rey en el alma,
Que de mil reynos al cantar la palma.

Aun

54.

Aun eran mas rubios tus cabellos
 Quel oro, que alli los coronaua
 Y el azul de aqueſſos ojos bellos
 A la ſafira pura auantejaua
 Los dientes liſos conperir con ellos
 En vano el marfil miſmo porſiaua
 En fin de tal beldad tu viſte aſſento
 Que deſculpan de vn Rey el penſamiſto.

55.

Quanti mas que tu fuiſte muger mia
 Señora mia, y Reyna de mi alma
 Yo era el que no te mereſcia
 Y en amarte ari ganè la palma,
 Entonces que te ame tuue valia
 No la tenia, en quanto eſtuue en calnia
 Tu la materia diſte en el ſujecto
 Con que el diſcurſo quedo mas perfecto.

La Infanta coronada.

56.



Yo te deuo Ines bella la vida
No temo que este acto desconcierte
Pues te bueluo la corona que perdida
Tenias por mi, en tu temprana muerte.
No sea la memoria consumida
Ines hermosa, d'vn amor tan fuerte;
Coronese vn exemplo al mundo raro
Y paguese vn amor que costò caro.

57.

Dixo Pedro, y mil lagrimas vertiendo,
Assento la corona en la cabeça,
Los instrumientos musicos tañiendo
Sinificauan del acto la grandeza
Y d'aquel templo celebre saliendo
Todos, quedo del Rey alli la alteza
El sepulcro famoso acompañando
Y sus passadas glorias memorando.

Fin del canto vltimo.

